

A Dama das papoulas cor de sangue

- Um programa de Roberto Lis -

1º Capítulo-

(Característica musical ao principio forte e depois suavemente para servir de fundo as palavras do

SPEAKER: Nove horas da manhã, de uma risonha manhã de primavera. Estamos no interior de uma casa de flores e passaros, numa das ruas centrais da cidade. É uma rua estreita, quasi sombria e de pouco movimento. A senhorita Franceline acabou de botar alpiste e mudar agua nas gaiolas dos passaros - que cantam alegremente - e ocupa-se, no momento, a arranjar algumas flores nos vasos que enfeitam a grande vitrine de sua casa. Uma senhora alta e elegante, vestindo uma toilette azul marinha e trazendo numa das mãos brancas e finas um precioso rubi engastado em ouro fosco, é a primeira fregueza que nessa manhã visita a casa de flores da senhorita Franceline.

(Novemente a característica forte e a seguir o canto dos passaros que servem de fundo ao diálogo que segue.)

Salma - Bom dia, senhorita.

Franceline- Bom dia, madame Salma. Aqui estão as suas papoulas já separadas. Agua ardava apenas que chegasse o rapaz encarregado das entregas para as mandar levar ao seu apartamento.

Salma - De-me que as levarei. Estou com o automovel perto daqui.

Franco. - Pois não, madame. Vou passar num momento um papel encerado. Estavam dentro da agua poderão molhar as suas mãos. (ruído de papel).

Salma - Estão lindas hoje. Bem maiores que as de ontem.

Franco. - E mais rubras tambem.

Salma - É quando elas mais me satisfazem é quando me causam a impressão de terem sido tintas com sangue.

Franco. - A madame desculpe a minha curiosidade mas...afinal madame é nossa fregueza ha tanto tempo...inda ontem á noite comentava com minha irmã a sua preferencia pelas papoulas vermelhas e a sua constancia em mudal-as diariamente nos vasos do seu quarto e de seu gabinete. (rindo) Minha irmã tem a impressão de que Madama tenha feito alguma promessa...

Salma - (rindo) Nada disto. É um capricho apenas, a que me habituei desde muitos anos. Capricho, aliás, que me tem custado bom dinheiro porque si momarmos todo o capital empregado em flores nestes anos todos em que estou casada atingirá a uma soma bastante elevada.

Franco. - E na época em que não ha papoulas?

Salma - Substituo-as por rosas vermelhas. Procuro sempre as mais singelas e mais rubras para que se aproximem mais ás flores da minha predileção. E já me identifiquei de tal forma com a nota vermelha das papoulas no fundo bege do gabinete ou no ambiente azul claro do meu quarto de vestir que o dia que elas me faltarem terei a impressão de que me falta alguma coisa de mim mesma.

- Franc. - Eu e minha irmã temos feito o possível para bem servi-la. Nestes tres mezes que nos honta com a sua preferencia já mudamos tres vezes de fornecedor afim de que não lhe falte as suas papoulas cor de sangue. Hontem já o atual fornecedor nos avisou de que dentro de alguns dias elas estarão exgotadas. Estas meimas já estão fora de época.
- Salma - Providencie então para que as rosas vermelhas possam substitui-las. Já ha bastantes rosas agora, não é verdade?
- Franc. - Sim ha. É este exatamente o tempo das rosas.
- Salma - São lindas estas orchídeas.
- Franc. - E raras. Tão raras que si tivessesmos outra fregueza que desse por elas a preferencia que a senhora dá ás papoulas, nos veriamos na desagradavel contingencia de não poder servi-la. Florecem apenas nesta época do ano e cada tronco nos dá duas ou tres flores no maximo.
- Salma - São muito bonitas, realmente, mas não tem o colorido impressionante das papoulas. (pausa em só se ouve o canto dos canarios) Ha rosas todo o ano não é verdade senhorita Francelise?
- Franc. - (rindo) Pelo menos é o que o afirma Julio Dantas.
- Salma - Tambem gosta de ler?
- Franc. - É a minha unica distração é noite, madame.
- Salma - Não gosta de cinema?
- Franc. - É uma distração interessante, sem duvida, entretanto os filmes difficilmente me satisfazem. Depois minha irmã não gosta de sair á noite e costumo sempre ficar em casa para acompanha-la.
- Freguez - Bom dia, senhorita. Quel éo preço destas dalias?
- Franc. - Dez mim reis a duzia, as maiores e oito as pequenas.
- Freguez - Vou legar uma duzia destas.
- Franc. - Pois não.
- Salma - Bem, senhorita, até amanhã.
- Franc. - Até amanhã, Madame. Obrigada. Madame passa por aqui amanhã ou quer que lhe mande as papoulas no apartamento?
- Salma - (já afastada) Pode manda-las. Creio que amanhã não sairei de manhã.
- Franc. - Perfeitamente, eu as mandarei, então.
- Salma - (afastada) Passe bem.
- Franc. - Passe muito bem, madame. Obrigada.

(o fundo musical vai subindo até tocar bem forte, baixando, a seguir, para servir de fundo ás palavras do Speaker).

Speaker: - E dois mezes deppis, ás duas horas da tarde, no apartamento luxuoso de madame Salma, vamos surpreende-la, já pronta para sair, em conversa com uma de suas amigas.

- Leda - Porque estás hoje tão contrariada, Salma? Terias ~~de~~ aborrecido com o dr Delmar?
- Salma - Não, Leda, meu marido parece ser das poucas criaturas que não me incomoda. Pelo contrario, faz tudo para que eu não me aborreça. Tenho, como ves, inteira ~~liberdade~~ de ação, faço o que bem entendo, gasto o quanto quero e ele nunca me pede satisfações de coisa alguma. É um marido ideal.
- Leda - Para ti. Para o meu temperamento, por exemplo, ele já não serviria. Eu teria horror a um marido que estivesse de acordo, sempre de acordo comigo. Uma das coisas interessantes do casamento são as brigas. Si a gente não briga então pra que casar?
- Salma - Não digas bobagens, Leda. Não ha nada que mais valha do que a tranquilidade de espirito.
- Leda - Pois é, mas tu não consegues te-la. E estás aí tão contrariada a ponto de queres desistir de ir a uma festa que estará maravilhosa com certeza.
- Salma - Mas bem sabes que a minha contrariedade não diz respeito ao meu marido. Aborrece-me essa empregada horrivel que não faz nada direito, aborrece-me os fornecedores, aborrece-me os vizinhos a espiar sempre o que se passa dentro do meu apartamento e mais do que tudo, hoje, aborrece-me a minha florista que não me conseguiu nem papoulas nem rosas vermelhas. Vê se não falta qualquer coisa neste quarto? Vai ao gabinete e vê se não falta qualquer coisa lá? É a falta das minhas papoulas cor de ~~sa~~ sangue. Elas são necessarias á minha vida, Leda. São necessarias á minha tranquilidade.
- Leda - Isso é uma loucura, uma obsessão tua. Não ha duvida que as flores emprestam ao ambiente um aspecto mais alegre, mais agradável, mas tambem é uma tolice pretender dizer que não se possa passar sem elas. Que elas possam ser fatores necessarios á vida e á tranquilidade de qualquer pessoa.
- Salma - Pode parecer loucura, pode parecer obsessão, pode parecer um absurdo até, mas a verdade é que quando hoje a empregada veio me dizer que eu não teria papoulas nos meus vasos eu tive impetos de saltar-lhe ao pescoço e o apertar até matá-la.
- Leda - Si é assim porque não mandaste procurar as flores noutra casa?
- Salma - Pois foi o que eu fiz? Quando a florista de manhã telefonou para cá avisando que não havia conseguido nem papoulas nem rosas, fiz com que a empregada saísse a procura-las. Meu chauffeur levou-a até mesmo ás chcaras mais afastadas da cidade sem nada conseguir.
- Leda - E então? O que é que tu queres que se faça? Tens que te conformar.
- Salma - Não posso, não me conformo. Estou irritada, estou nervosa por causa disto.
- Leda - Espera, Salma, eu vou lá dentro falar com ela. ^{Não} Vou indicar-lhe uma chacara onde ela talvez possa conseguir as flores.
- Salma - (rapida e nervosa) Não, Leda. Não vá lá dentro. Por amor de Deus! Não faça isto! Fique aqui, por favor!
- Leda - Ué, Salma, o que é isto?!... Você ficou palida, porque?

- Salma - Não, não é nada....é que...não sei, mas...só a ideia de avistar de novo a cara dessa creatura, me deixou irritada deste jeito. Eu não quero vê-la, Leda. Eu estou tão indignada que nem quero vê-la.
- Leda - Mas você não precisa vê-la, Salma. Eu irei lá, falarei com ela...Ela nem precisa vir aqui...
- Salma - Não, não! Por favor, não insista. De qualquer maneira eu já me aborreci. Já são quase três horas da tarde, eu fiquei até agora sem as minhas papoulas ficarei o resto do dia. Amanhã tratarei de ir lá mesma procurá-las.
- Leda - Está bem, eu pretendia fazer isto por você mesma...
- Salma - Mas não é mais preciso. Não tem importância.
- Leda - Você está tremula, Salma, o que é que você tem?
- Salma - Nada, não tenho nada. Aborreci-me...fiquei nervosa...e quando estou nervosa fico assim. Mas não é nada, não, já passou. Olhe aqui, eu vou botar o meu chapéu num instante e iremos para a festa. Você tem razão mesmo. A festa vai estar muito boa e eu hoje estou precisando bem me distrair. Você espera um momentinho, sim? Eu não demoro nada. Eu volto já. Você querendo revistas tem aí, querendo também ligar o rádio pode ligá-lo.
- Leda - Eu prefiro antes botar um disco na vitrola.
- Salma - Estão aí. Os discos estão nos alburns aí em baixo, na mesinha. Escolha o que você preferir. Eu volto já. (sai)
- Leda - (quando os passos se perdem na distancia) Que coisa exquisita! Salma deve ter alguma coisa de extraordinário. Nunca a vi deste jeito! Levou um susto enorme quando eu quise ir lá dentro. Palavra de honra que eu estou intrigada. Bem...seja lá o que for eu não devo ficar curiosa porque sei há coisa que eu detesto é uma mulher curiosa. Ih eu tenho horror de mulher curiosa! Mas cá pra nós que ninguém nos ouça: eu estou louquinha pra saber o que é!
- Salma - (gritando de longe) Não quizes-te tocar Leda?
- Leda - Estou escolhendo o disco, Salma. Ih! Luciene Boyer! Eu adoro essa mulherzinha! (Falando para longe) Escuta isto, Salma. (ouve-se um disco de Luciene Boyer).
- Delmar - (entrando na metade do disco) Boa tarde, dona Leda.
- Leda - Oh doutor Delmar, boa tarde!
- Delmar - Está só? Salma não está em casa?
- Leda - Ela vem já, dr. Foi botar o chapéu para irmos a um chá dansante em benefício da casa dos invalidos. Não nos dará o prazer da sua companhia?
- Delmar - Impossível, dona Leda. Tenho muito serviço hoje. Vim apenas em casa buscar as radiografias de um cliente que deve ir ao consultório às cinco horas e terei necessidade delas.
- Leda - O dr. devia esquecer um pouco os seus clientes, o seu consultório e lembrar-se um pouquinho também de si. Afinal a vida não consiste apenas no trabalho. Um pouco de distração de espírito é necessário. E o sr. sabe melhor do que eu porque é médico. Naturalmente já deve ter dito isto muitas vezes aos seus clientes.

- Delmar - A questão é que a distração para mim consiste exatamente no meu trabalho.
- Salma - (entrando) Uá, desde quando estavas aí?
- Delmar - Cheguei neste momento. Vim buscar esta radiografia que havia esquecido. Encontrei aqui dona Leda e fiquei um momento conversando.
- Salma - Vais agora para o consultório?
- Delmar - Sim. Se quizerem aproveitar o automóvel poderei deixa-as na porta.
- Salma - É melhor. Vamos Leda. (característica musical)

SPEAKER: - E duas horas depois da cena que acabamos de ouvir, vamos penetrar no Casino onde se realiza o chá em benefício da casa dos invalidos afim de travar conhecimento com uma nova personagem que terá lugar de destaque nos acontecimentos que virão mais tarde. A orchestra toca uma valsa, ao som da qual os pares se embalam suavemente. Salma está só, sentada deante de uma taça de chá que leva aos labios de quando em vez, displicentemente Leda está dansando.

(ouve-se uma falsa e ruido de vozes, muitas vozes)

- Epitácio - Madame está só?
- Salma - Oh doutor Epitacio como está?
- Epitacio - Não tão bem como madame. Vive-se entretanto. Cansou de dansar?
- Salma - É verdade, já dansei muito. Não estou hoje muito bem disposta. Vim a esta festa mais para satisfazer a vontade de Leda.
- Epitacio - Devemos então um agradecimento á senhorita Leda. Senão fosse por ela estaríamos privados do encanto de sua presença.
- Salma - (rindo) O sr. sempre galanteador.
- Epitacio - Sempre justo. Justo é que faça questão absoluta de ser. Madame sabe que sua presença imprime sempre maior brilho e um cunho de mais elegancia ás nossas reuniões sociais.
- Salma - É muito gentil dr.
- Norka - Não esqueça, dr. O artigo que prometeu para a minha revista.
- Epitacio - Não esquecerei, senhorita. Mas... permita que lhe apresente madame Salma Valenski, esposa do eminente professor dr. Delmar Valenski. Aqui a senhorita Norka Irigay, representante entre nós da revista feminina Vida Social, de Buenos Aires e uma grande batalhadora da liberdade da mulher.
- Salma - Encantada, senhorita.
- Norka - Muito prazer madame.
- Salma - Eu já tive ocasião de ler alguns de seus artigos sobre a liberdade da mulher e felicito-a com sinceridade pelo desasombro com que afronta os escravos do preconceito. Dopo desasombro porque infelizmente eles constituem a maioria.

- Norka - Por ora. A pouco e pouco terão que nos ceder o terreno, forçosamente e dia virá em que o seu protesto não terá mais eco.
- Salma - Admiro a sua confiança.
- Norka - A confiança é metade da vitória, madame.
- Leda - Não posso mais dansar. Estou cansadíssima.
- Salma - Também, não paraste um instante para descansar. Desde que chegamos que estás dansando. (fazendo a apresentação) Minha amiga Leda Simoun, a senhorita...
- Norka - Norka Ifigay.
- Leda - Muito prazer.
- Salma - Aqui o dr. Epitacio...
- Epitacio - Já nos conhecemos. (Epitacio e Leda trocam cumprimentos)
- Salma - Sente-se, dr.
- Epitacio - Muito obrigado, madame. Cedo a minha cadeira á gentilíssima senhorita Leda que acabou de nos dizer do seu imenso cansaço.
- Leda - Não se incomode, dr. (parou a musica. Aplausos)
- Epitacio - Incomodo nenhum. Tenho nisso o maximo prazer. E depois sou obrigado a deixa-las porque prometi a madame Regina Helena que lhe faria companhia numa taça de chá. Se me permitem...
- Salma - Pois não, dr.
- Epitacio - Deixo-as a minha encantadora e adoravel amiguinha Norka que por certo as divertirá imensamente. Com licença, com licença!
- Norka - Velho ridiculo. Sempre com a preocupação de parecer moço e os seus eternos compromissos com as mulheres.
- Leda - Pobre infeliz!
- Salma - Talvez não. Pode ser que muito ao contrario seja uma creatura feliz. Ha creaturas que á força de mentir e aparentar aos outros aquilo que não são acabam por se convencer que são na realidade o que pretendem aparentar. E são felizes. Não parece, senhorita Norka? Não está de acordo com a minha opinião?
- Norka - Estou. Sempre considerie felizes os loucos que se julgam reis, generais e outros grandes personagens e que veem nos seus companheiros de infortunio os seus vassallos e os seus soldados. Como geralmente os casos de loucura são incuraveis eles morrem felizes sem chegar a despertar do seu sonho de grandeza. (O jazz rompe num fox movimentadissimo)
- Leda - A senhora não dança?
- Norka - Por ora não. Dansarei no dia em que for permitido ás mulheres atravessarem um salão como este e convidar o homem que for do seu agrado.
- Salma - Se não nos é dado fazer isto temos, pelo menos, o direito de recusar aquelles que nos desagradam.

- Norka - O que não é a mesma coisa porque quando tivermos a pouca sorte de sermos procuradas exclusivamente por pessoas que não nos agradem ficaremos o tempo todo sem dançar.
- Uma voz - Madame Salma, não esqueça que prometeu dançar comigo depois que houvesse descansado um pouco.
- Salma - Podemos dançar agora. Com licença, sim?
- Norka - Pois não. (pausa) São inconcebíveis os preconceitos que tolhem totalmente a espontaneidade dos gestos femininos, são intoleráveis, por men-tirosas, as atitudes que nos obrigam a tomar em sociedade. Como é detestável dizer-se: "Com muito prazer" quando na realidade é com o maior fastio que nos levantamos interrompendo às vezes, uma palestra interessante, para acompanharmos aos pinotes uma creatura que mal suportamos.
- Leda - Eu por mim só danço com os rapazes que me agradam. Digo-lhes não com a maior sem cerimonia quando não estou disposta a aturar os que me são antipáticos.
- Groon - Chamam com urgencia Madame Salma Valenski ao telefone.
- Leda - Ela está dansando. Encontra-la agora no meio de toda essa gente não vai ser muito facil.
- Norka - Se o chamado é com urgencia porque não o atende você?
- Leda - Sim, é isto mesmo que eu vou fazer.
- Groon - É por aqui, senhorita.
- Leda - Com licença, sim?
- Norka - Pois não, vá depressa. (pausa) (ouve-se apenas o fox e o ruido das vozes)
- Lidia - Tão sosinha, Norka. O que é isto? Vou dizer ao Claudio que venha lhe fazer companhia.
- Norka - Obrigada. Antes só do que mal acompanhada.
- Lidia - (rindo) Não seja má, Norka. O coitado esforça-se tanto por ser agradável a você...
- Norka - Mas é um esforço infrutifero porque eu o detesto.
- Lidia - E ele sofre com isto, o coitado. Ainda ontem á noite, no Club, falava em você com tal entusiasmo e admiração que cheguei a considera-la uma ingrata em retribuir tão grande afeto com tamanha antipatia.
- Norka - Antipatia não, antipatia é pouco. Suba, suba mais.
- Lidia - (rindo) Você, Norka, você é impagavel. Adeus, a mamãe está de lá fazendo sinais para irmos embora.
- Norka - Adeus.
- Leda - (nervosa) Meu Deus, que coisa horrivel! Imagine a senhora que o Dr. Delmar telefonou para cá chamando a Salma com toda a urgencia. Deu-se um crime horrivel no apartamento dela. Ele pede que ela vá em seguida. Ajude-me a procura-la, por favor.

- Norka - Um crime no apartamento dela? Mas a quem foi que mataram?
- Leda - Não sei, não perguntei. Fiquei num tal estado de nervos que nem me lembrei de fazer qualquer pergunta. Mas veja se a descobre em meio dessa gente, por favor.
- Norka - Não será fácil. Mas responda: o marido de madame Salma não disse o que se passou? Não deu esclarecimento nenhum?
- Leda - Deve ter dado, sim. Deu com certeza. A questão é que eu não ouvi. Fiquei tão aturdida quando ele me falou num crime. Pensei em tanta coisa absurda que não ouvi mais nada sinão a palavra crime ressoando aos meus ouvidos como o ruído pavoroso e aterrador de uma avalanche. Pude apenas dizer-lhe sem e desligar o aparelho. Mas onde estará Salma, meu Deus? Eu preciso avisá-la. Ela deve voltar imediatamente para casa.
- Norka - Espere, tenha calma. O seu estado nervoso só lhe pode atrapalhar. Nos momentos como este o essencial é conservarmos a calma e o sangue frio para podermos agir melhor.
- Leda - Como posso ter calma? Como posso conservar meu sangue frio se há no apartamento de Salma uma pessoa morta? Uma ou mais, eu não sei.
- Norka - Mas o que importa isso a você?
- Leda - O que importa? Sabe lá a senhora o que importa. Não percamos mais tempo. Ajude-me por favor. Procure Salma no meio dessa gente toda. Eu daqui a pouco não poderei mais conter os meus nervos e gritarei para que ela me escute, (gritando) Salma! Salma!
- Norka - O que é isto? não faça escândalo. A música vai terminar e ela voltará para a mesa, com certeza. Você está nervosa demais, pequena! Puxa!... Que coisa horrorosa!... Que dinamite você é!
- Salma - No meio desse borburrinho eu tive a impressão que você havia gritado o meu nome.
- Leda - Salma, Salma! Não foi impressão, Gritei sim. Chamei por você. Eu não sabia onde você estava.
- Salma - Mas o que é isto, Leda? O que é que você tem? você me assusta.
- Leda - Aconteceu uma coisa horrível, Salma.
- Salma - O que foi, Leda, fale.
- Leda - Seu marido telefonou...
- Salma - (assustada) Meu marido? Mas o que houve por favor, fale.
- Leda - (sucumbida) Não posso falar. Eu quero falar mas não tenho voz.
- Salma - Leda, não fique assim. Diga o que foi. O que aconteceu, senhorita Norka?
- Norka - Essa pequena está fazendo um bicho de sete cabeças de uma coisa tão simples! Não aconteceu nada de maior. Seu marido telefonou pedindo que a senhora voltasse para casa que havia se dado lá um crime.
- Salma - (baixo) Um crime?

Norka - Não lhe posso dar mais pormenores do caso porque não os tenho. A sua amiga foi atender o telefone e voltou desse jeito que a senhora está vendo. Ela mesma confessou que nem ouviu nada direito do que o seu marido disse. Que a palavra crime ficou ressoando aos seus ouvidos de uma forma tão arrepiadora que não lhe permitiu escutar mais nada. Sabe apenas que desligou o telefone.

Salma - (apetada) Um crime! E ele naturalmente quer que eu vá para a casa.

Norka - Está claro que sim. Ele telefonou para isto. Pediu-lhe que fosse com urgência.

Salma - (apetada) É...eu devo ir...Eu tenho que ir...

Norka - Desperte. A senhora parece que está dormindo. Quer que a acompanhe até a sua casa? Eu posso ir.

Salma - Obrigada. Não é necessário. A Leda irá comigo.

Leda - Não Salma, não conte comigo. Eu estou muito nervosa. Eu não vou. Não posso ir. Eu vou para casa. Tenho medo, Salma. Estou com medo. Eu não fico aqui, eu vou já para a casa.

Norka - Cuidado, menina, olhe que você está chamando a atenção. Tenha calma. Repare como os vizinhos de mesa não tiram os olhos de você. Vamos, tenha calma. Eu acompanharei você até a porta, lhe botarei num automóvel e você irá para casa e irei com Madame Salma até o apartamento dela. Venha. Vamos madame Salma. Seu marido chamou-a com urgência e nós estamos aqui a perder um tempo precioso.

Salma - Sim...eu vou...eu devo ir...eu preciso ir...Foi um crime não é? Foi um crime no apartamento, não foi isso o que a senhora disse?

Norka - Foi um crime, sim, mas vamos, não percam tempo.

Salma - Eu vou...Mas não é preciso a senhora se incomodar. Eu vou sosinha. Tomo um automóvel aqui desço lá na porta. Não se incomode.

Norka - Não é incomodo nenhum. Eu até gosto destas coisas. Imagine só que reportagem formidável para a minha revista! (Característica musical que vai ser vindo de fundo ao diálogo, depois)

SPEAKER: - E acompanhemos agora Madame Salma e senhorita Norka no automóvel que as conduz ao apartamento da primeira. (ruído de automóvel em movimento)

Norka - Este é o seu chauffeur particular?

Salma - Sim.

Norka - (falando mais alto) Escute rapaz: a quem foi que mataram?

Chauffeur - Madame vai desculpar mas eu não sei.

Norka - Madame não, neste caso mademoiselle. Ou melhor, senhorita. Nós estamos no Brasil.

Chauffeur - Queira perdoar, senhorita.

Norka - Posso quando muito, desculpar. Não sou nenhuma padre para perdoar. (pausa em que se escuta o ruído do auto)

- Salma - Apure, Liborio.
- Norka - Estamos ainda muito longe?
- Salma - Sim...isto é...mais ou menos. Eu nem sei...
- Norka - Você não estava em casa quando se deu o crime, rapaz?
- Chauffeur - Cheguei momentos depois. Nem sequer entrei. Quando bati na porta para avisar ao Dr. Delmar que o auto estava lá em baixo recebi ordem de vir buscar madame Salma. Lamento não poder adiantar mais nada porque nada sei.
- Norka - Quanto tempo levaremos para chegar?
- Chauffeur - Dentro de poucos minutos estaremos lá, madame.
- Norka - Madame não, senhorita, já lhe disse uma vez.
- Chauffeur - Perdão, senhorita.
- Norka - Porque razão a sua amiga se ~~se~~terá negado a acompanhá-la até a sua casa?
- Salma - Não sei...Leda é muito nervosa...naturalmente só a ideia de crime a atormentou.
- Norka - Ela tinha estado em sua casa antes de virem á festa?
- Salma - Não...isto é...sim. Foi lá buscar-me.
- Norka - E quanto tempo permaneceu lá?
- Salma - Pouco. O tempo necessario a que eu trocasse de vestido e arranjasse os cabelos.
- Norka - E vieram diretamente para a festa?
- Salma - Sim. Meu marido ia casualmente sair e então aproveitamos o automovel.
- Norka - Este mesmo em que estamos viajando?
- Salma - Sim.
- Norka - Achei verdadeiramente impressionante o estado de perturbação em que ficou a sua amiguinha ao ter conhecimento de que se havia dado um crime no seu apartamento.
- Salma - Leda foi sempre assim muito nervosa...muito impressionada. Não consegue domar os seus nervos quando qualquer coisa os excita.
- Norka - É interessante como existem creaturas que não conseguem esconder as suas emoções. Isso é um grande mal porque elas servem de pista para que outros descubram aquilo que muitas vezes desejamos ocultar.
- Salma - O que é que a senhora quer dizer com isto? O que deseja insinuar? Pretende crer que Leda possa ter tido qualquer interferencia nesse crime?
- Norka - Não pretendo nada. Estou apenas conversando.
- Salma - Mas da maneira que a senhora falou...francamente...seria até um absurdo pensar uma coisa dessas. Basta conhecer-se a Leda uma vez para ter-se a certeza de que em circunstancia alguma teria a coragem necessaria para

- praticar um crime.

Norka - Isso não quer dizer nada. Tem-se visto na vida as coisas mais inverossímeis e absurdas. Coisas que ás vezes não parecem possíveis por qualquer hipótese porque se as encare e no entretanto elas acontecem. Se lhe dissessem que havia sido eu quem houvesse praticado esse crime que se deu no seu apartamento a senhora protestaria logo com a máxima veemência dizendo: Não é possível, esta creatura á hora do crime estava numa festa em minha companhia. Mas quem poderia garantir a hora do crime? Eu o poderia ter praticado antes, de terido a festa. As apparencias muitas vezes enganam. E para se conseguir chegar a uma conclusão razoavel nos casos desta natureza, precisamos desconfiar de todos e investigar minuciosamente as atividades mesmo daqueles que nos parecem incapazes da pratica de um crime. Apresente-me a seu marido, quando chegar-mos á sua casa, e oferecerei a ele os meus trabalhos de detetive amadora. Si ele tiver interesse em descobrir o criminoso e quizer facilitar-me a tarefa, afianço-lhe que em poucos dias terei descoberto o culpado. (pausa. silencio absoluto) Culpado...ou culpada.

Salma - Apure, Liborio. Você está andando tão devagar.

Norka - Estamos ainda muito longe?

Salma - Não. Estamos perto.

Norka - Onde mora a sua amiguinha Leda?

Salma - Onde mora? Para que deseja saber?

Norka - Para procura-la. Desejo conversar com ela, trocar impressões acerca do que succedeu.

Salma - Ela não tem nada com isto, já disse. Porque quer tortura-la? Não vê que a ofende com a sua suspeita? (nervosa, aumentando cada vez mais a irritabilidade) O que tem você afinal a ver com isto? Quem é você? O que quer de nós? Com que direito intromete-se na vida de uma pessoa a quem apenas acabou de conhecer? Não me pergunte mais nada. Não lhe responderei nada. A senhora nada tem a ver com isto. A policia se encarregará de descobrir o verdadeiro culpado. Não lhe dê isso preocupação. Eu vou fazer parar o carro e a senhora vai decer. O que vai fazer em minha casa? Não tem nada a fazer lá. (o auto começa a fazer derrapagens. Gritando) Liborio! O que é isso? (ruído de desastre e gritos de Salma e Norka).

SPEAKER: - E na ancia de vencer rapidamente a distancia, o automovel foi de encontro a uma das arvores da avenida ao fazer a curva de uma esquina. O que teria acontecido a Madame Salma? E a senhorita Norka? Estará ferida? Terá morrido? Aguardem o seguinte episodio na proxima sexta feira ás mesmas horas de hoje.

II CAPÍTULO

Característica musical, forte ao principio e depois suavemente, servindo de fundo as palavras do

SPEAKER: - Antes de darmos início ao segundo capítulo deste novo programa da PRF9, façamos uma ligeira recapitulação dos acontecimentos desenvolvidos no 1º episódio. Os ouvintes devem estar lembrados de terem tido conhecimento com madame Salma Valenski - a dama das papoulas cor de sangue - numa casa de passeros e flores onde ela fora em busca das papoulas rubras com que diariamente adornava o seu gabinete e o seu quarto de vestir. Embora pareça isso um detalhe sem importância, uma mania como outra qualquer, para um colecionador de detalhes de alma não deixa este fato de ter bastante importância, visto que nos revela a influencia que exerciam aquelas flores no temperamento de Madame Salma, chegando mesmo a arrasta-la ao auge da irritação no dia em que, por qualquer circunstancia, ficava ela privada de olhar para aquelas flores que - como ela propria dizia - davam-lhe a impressão de haverem sido tintas de sangue. E é exatamente num dia desses em que lhe faltaram as suas papoulas rubras, que a vamos surpreender mais tarde em seu apartamento conversando com sua amiga Leda que procurava convence-la a comparecer a uma festa de beneficencia que teria lugar naquela mesma tarde. Madame Salma, irritadissima com a falta de suas flores prediletas, recusa-se a principio acompanhar sua amiga que procurando solucionar a questão, dirige-se para o interior do apartamento afim de indicar á empregada de sua amiga uma chacara onde talvez fosse possivel adquirir as papoulas vermelhas. Seu gesto, entretanto, não chega a ser completado, pois Leda é interceptada por Madame Salma que rapidamente se coloca á frente da porta impedindo a passagem da amiga e num nervosismo visivelmente crescente e até mesmo extranho, impede-a de realizar a sua intenção. É como que para afastar-la dali, por motivos que ainda não nos são dados conhecer, resolve, afinal, acompanhar Leda ao festival daquela tarde, de onde são arrancadas, finalmente, por uma telefonema do marido de Madame Salma que, duas horas mais tarde pede o seu regresso imediato ao apartamento por se ter dado ali um crime de morte. Como Leda, apossada de fortissima crise nervosa, se recusasse a acompanhar Madame Salma, a sua casa, prontifica-se a acompanhá-la uma moça chamada Norka Irigay, cujo conhecimento com Madame Salma datava daquela mesma tarde, naquela festa em que ambas se encontravam. A senhorita Norka, que se fazia passar por reporter de uma revista feminina, era, em verdade, uma detetive amadora que um mero acaso havia conduzido á mesa de madame Salma, onde este tomava o seu chá e que daquele momento em diante começou a acompanhar com o maior interesse aquele caso complicado e cheio de misterio. Quando as duas se dirigiam de automovel para o local do crime, numa volta precipitada o carro esbarra contra uma arvore, não resultando daquela desastrosa, felizmente, mais do que ligeiros arranhões nos passageiros e grandes avarias na carroserie. E daí para cá, vejamos o que se passou:

Jornaleiro - Olha a Folha! Correio, Diário, a Nação!...

Homem - Psiu! Psiu! Da cá uma folha. (pausa. A voz do jornaleiro se afasta apregoando os mesmos jornaes).

Outro - O que é que ha de novo?

Homem - Cento e trinta mil toneladas afundadas no Pacifico nestes ultimos oito dias

Outro - Por favor, não quero saber nada disto. Estou de guerra até aqui.

Homem - Homem, não acabaste de me perguntar o que havia de novo?

Outro - Referia-me ás novidades locais. Da guerra eu prefiro ignorar tudo a ter conhecimento das barbaridades que em cada dia praticam os homens que se dizem civilizados e que pretendem ser superiores.



Homem - Olha, aqui tem uma noticia interessante.

Outro - Sobre o que?

H^{omem} - - Sobre o crime na apartamento do Dr. Delmar Valenski.

Outro - Eu ouvi falar qualquer coisa mas não estou ao par. A quem foi que mataram?

H^{omem} - Mas meu Deus, foi um caso tão rumoroso! Pois a empregada foi encontrada morta com uma punhalada mesmo no coração. E como o corpo caiu exatamente munto a uma porta que dava para uma aria, o sangue começou a escorrer para fora, sendo visto pela empregada do apartamento de cima que deu alarme imediato. Os donos da casa estavam ausentes. Eleno consultorio e ela numa festa de caridade. Avidada a policia esta tratou de fazer com que ambos regressassem imediatamente para o apartamento, abrindo a seguir um rigoroso inquerito sobre o caso. Entretanto, até agora nada havia sido aclarado ainda.

Outro - Vejamos o que diz o jornal.

H^{omem} - Continua envolvido em denso véu de misterio o crime do apartamento 111 do Edificio Gioconda, residencia do Dr. Delmar Valenski e de sua esposa Sra. Salma Valenski. Pelo laudo pericial do Gabinete Medico da Policia ficou constatado que o cadaver da domestica Maria Sabina havia sido apunhalado uma hora e meia ou no maximo duas horas antes de ser descoberto o crime. O alibi da esposa do conhecido medico porva que a esse tempo ela se encontrava numa festa de Caridade em companhia de varias pessoas que já confirmaram na policia as declarações da referida senhora. Por sua vez o Dr. Valenski afirma que se encontrava no seu consultorio atendendo a varios clientes que tambem depuzeram a seu favor. Ha, entretanto, declarações do encarregado da portaria do Edificio Gioconda que comprometem seriamente o Dr. Valenski, uma vez que afirma o referido empregado ter o conhecido medico entrado duas vezes no seu apartamento, durante o espaço de tempo que vai das duas ás quatro horas da tarde. As investigações continuam, sem que, entretanto, até agora a policia tenha chegado a qualquer suposição definitiva. Tanto o Dr. Delmar como sua esposa estão preses sob palavra em sua propria residencia.

Outro - que complicação. O que é que se pode pensar de tudo isto?

Homem - Você quer que lhe diga com franqueza? Se o empregado do edificio diz que ele entrou duas vezes em casa durante o tempo em que deve ser ter dado o crime eu penso que só pode ter sido ele mesmo.

Outro - Mas afinal, porque razão?

Homem - Sabe-se lá! O que é verdade é que me parece muito estranho que ele tendo estado em casa não tivesse encontrado a empregada morta.

Outro - Realmente.

Homem - Eu pensei até: quem sabe lá se o doutor não teria relações amorosas com a empregada e naquele dia se houvessem desentadido e ela fizesse qualquer ameaça de contar tudo á esposa dele.

Outro - É, pode muito bem ser. A gente vê tanta coisa navida.

H^{omem} - Bem, deixemos o Dr. Valenski, a sua mulher e a empregada e vamos tomar um cafésinho.

(GONGO)

SPEAKER: - E para estermos um pouquinho mais ao corrente da opinião popular sobre o crime que tanta repercussão teve na cidade, ouçamos na casa de flores em que travamos conhecimento com Madame Salma, a opinião da florista sobre o caso. (cantos de passaros servindo de fundo a todo o dialogo).



- Francelise - Eu tenho a impressão diferente da de vocês. Conheço muito pouco o Dr. Delmar. Ele esteve aqui apenas duas ou tres vezes pagando as contas da mulher mas das poucas palavras que trocamos eu tirei a conclusão de ser um homem muito calmo, muito ponderado e de uma educação finissima. Não posso crer que um homem desses tivesse relações amorosas com uma servicial e muito menos que fosse capaz de chegar ao cumulo de a matar por qualquer motivo.
- Amiga - E o que pensas, então? Qual é a tua opinião?
- Francelise - Eu não posso ter uma opinião formada sobre o caso. Conheço dele apenas o que os jornais têm publicado. Tudo é muito vago, muito cheio de misterio, mas a crer que o crime tenha sido obrigatoriamente praticado por uma das pessoas da casa seria capaz de afirmar que era mais facil que tivesse sido ele do que ele.
- Amiga - E porque pensas assim?
- Francelise - Porque considero Madame Salma uma creatura anormal. Essa paixão que ela demonstra pelas papoulas vermelhas, a contrariedade, a irritabilidade em que permanece quando por infelicidade não nos é possível consegui-las, a sua maneira excentrica de vestir, os seus gestos, tudo enfim nos revela uma sensibilidade diferente, um temperamento extravagante, uma pessoa diferente do normal, em suma. E se em publico ela se revela dessa forma como o será na intimidade? É bem possível que seja uma creatura tarada como existem tantas outras a quem o sangue a escorrer de um corpo ferido seja um espetaculo maravilhoso de beleza. Um detalhe não me passou despercebido.
- Amiga - O que foi?
- Francelise - Exatamente no dia do crime nós, pela primeira vez, fomos obrigados a faltar ao nosso compromisso de fornecer-lhe diariamente as papoulas cor de sangue. Mandamos procurar em todas as parte não nos foi possível encontra-las. Ela parecia uma creatura desvairada nesse telefone. Das dez da manhã ao meio dia telefonou não menos do que uma seis vezes. E só vendo como ficou desesperada quando lhe disse que não as encontrara em parte alguma.
- Amiga - Que coisa estranha!
- Francelise - Estranha e impressionante. E agora diz-me: têm ou não têm um certo fundamento as minhas suspeitas?
- Amiga - Sendo assim, têm. Escuta, e ela continua a comprar-te as papoulas?
- Francelise - Sim. Diariamente o seu chauffeur vem aqui busca-las. Tenho tido um trabalho enorme para encontra-las porque já não é mais época de papoulas. Felizmente encontrei ainda uma chacara que me tem fornecido umas brancas mas eu as tinjo de vermelho e vou mandando. Já muito trabalho mas como ela paga bem, sempre compensa. †
- Rapaz - Estas flores são para entregar agora?
- Francelise - Sim, pode leva-las. Aí está o endereço no envelope. Espere aí, tome dinheiro para o bonde que é muito longe. (ruído de gaveta que se abre e ruído de niqueis) Procure não demorar que ha duas corbeilles para entregar depois.
- Rapaz - Em meia hora estou de volta.
- Franc. - Vamos ver. Pois é isto, Silvana, a minha opinião neste caso, é completamente diversa da opinião de quasi todos que tenho ouvido.
- Amiga - Todos acreditam que tenha sido ele.
- Franc. - Um dia a verdade ha de aparecer sobre todas as coisas. Veremos quem está com a razão. Não ha nada como o tempo para resolver as coisas difíceis. Só o tempo pode atuar sobre as creaturas fazendo-lhes sentir o remorso das duas más ações e forçando-as assim a uma confissão que geralmente vem desagrarar aqueles sobre quem pesam culpas que não lhes cabem. Só o tempo pode fazer isto.



- Amiga - Quando não faz o culpado esquecer a propria culpa.
- Franc. - Isso é uma exceção á regra geral. Bem sabes que não ha regras sem exceções.
- Amiga - Ouvi dizer uma vez que o tempo é o grande lenitivo para as dores sem remedio.
- Franc. - Não é bem isso. O tempo é o grande remedio para todas as dores.
- Voz - Qual é o preço destas rosas, senhorita?
- Franc. - Beis mil reis a duzia.
- Voz - Eu vou levar uma duzia.
- Amiga - Bem, Brancelise eu vou andando. Estou na hora do dentista. Adeusinho.
- Franc. - Adeus, Silvana. Aparece de vez enquando.

(GONGO)

(suspende fundo de passaros. Musica suave para fundo das palavras de Speaker)

- SPEAKER: - E neste meio tempo vamos surpreender em casa da senhorita Leda, um dialogo entre esta e a senhorita Norka que a foi procurar.
-

- Leda - Perdoe-me a demora, sim? Eu tinha acabado de sair do banho quando a senhora chegou.
- Norka - Não tem importancia. Antes, porem, uma retificação. Senhora não. Senhorita. Sim, porque eu ainda não me casei, felizmente, porque você compreende - permita que eu a trate por você?
- Leda - Pois não.
- Norka - O casamento seria, sem duvida alguma, uma impecilho muito grande á carreira que abracei. E desistir dela eu jamais o faria porque sinto que naci para Scherlock. Sinto que esta é a minha vocação, é a minha verdadeira inclinação.
- Leda - Mas o casamento nunca deve ser despresado pela mulher. É muito triste envelhecer sosinha.
- Norka - Bem, mas eu creio que não é este precisamente o meu caso, porque afinal eu não sou uma velha.
- Leda - Absolutamente, eu não quiz dizer isto, mas afinal a senhora vê que os anos vão passando e vão deixando a marca nas creaturas. Somos ambas moças hoje, mas amanhã seremos inevitavelmente velhas. (campanha da rua) quem será? (falando para longe) Justina, atende a porta. Si for visita diga que saí. Assim conversaremos mais á vontade.
- Norka - Realmente. Mesmo porque o assunto que me traz aqui deve ser tratado apenas por nós duas.
- Leda - Não se contentou ainda com o que lhe respondi da ultima vez que esteve aqui?
- Norka - Não, porque compreendi que só me disse mentiras. Vejo-a preocupada sempre, sinto-a cada vez mais aborrecida e contrariada com os abontecimentos em que se viu envolvida e desejo ajuda-la. O que quer? Simpatizei camargo. Creia que não tenho outra intenção que não seja a de ajuda-la...
- Leda - Desvendando ao mesmo tempo o misterio de um crime que a preocupa.
- Justina - Dona Leda está aí um homem que procura a senhorita Norka.



- Leda - Você não disse que não tinha ninguém em casa?
- Justina - Disse. Mas ele insiste em dizer que viu a senhorita Norka entrar aqui e deseja falar-lhe de qualquer forma.
- Leda - Quem será?
- Norka - Eu sei quem é. É um sujeitinho baixo...
- Justina - É sim senhora.
- Norka - Barrigudinho...
- Justina - É, sim senhora.
- Norka - Olhos pequenos e apertadinhos...
- Justina - É sim senhora.
- Norka - Caréca...
- Justina - Ah, isso não sei, não senhora. Ele não tirou o chapéu.
- Norka - É o meu apaixonado. É um inspetor da policia que cismou que eu tive participação no crime e como teve a infeliz ~~idéia~~ idéia de se apaixonar por mim, quer por força salvar-me de um perigo que eu absolutamente não estou correndo. Um perigo que só existe na imaginação dele.
- Leda - Conceito.
- Norka - Um idiota.
- Leda - Teremos que dar alguma desculpa a este homem. Não podemos recebe-lo agora.
- Norka - Olhe aqui, pequena: você diga ao homensinho barrigudinho, de olhinhos apertadinhos, e ~~chututinho~~ chututinho na boca que eu vim procurar a senhorita Leda mas como ela não estivesse em casa e fosse demorar que eu fui se-
tear para espera-la e que você não tem ordem de me acordar. E si ele insistir muito bota-lhe pom a porta na cara.
- Justina - Isso eu não faço. Ele é da policia!
- Norka - Pode fazer que eu assumo a responsabilidade.
- Justina - Está bom, fica por conta da senhora, então. (passos que se afastam)
- Leda - Quem sabe este homem não seria um bom casamento para você?
- Norka - É talvez...os homens idiotas são geralmente os melhores maridos. Mas de momento estou preocupada demais com o assunto que me trouxe aqui para poder pensar em qualquer outra coisa.
- Leda - Entretanto o seu futuro deveria merecer-lhe mais atenção do que qual-
quer outra coisa.
- Norka - Há tempo para pensar no futuro. Sou muito moça ainda. Depois dos qua-
renta pensarei em casar. Tenho portanto ainda tres anos ou quatro
para fazer outras asneiras. (passos)
- Justina - O homensinho não gostou muito. Disse que vai espera-la lá em baixo.
- Norka - Melhor. Saírei pela escada de serviço. (passos) Bem, vamos ao assun-
to que me interessa. Porque não me diz toda a verdade?
- Leda - Porque não ha verdades a dizer. Já contei tudo que sabia.
- Norka - Contou mentiras que convenceram ao homensinho que está lá fora mas é
que a mim jamais convencerão. Pensa, por acaso, que me passou desper-
cebido o seu nervosismo ao receber a noticia do crime?
- Leda



- Leda - Era natural...como desejaria que recebesse a noticia de um crime?
- Norka - Pensa por acaso, que me passou despercebido o seu terror de acompanhar Madame Salma á sua casa?
- Leda - Sempre tive horror aos cadáveres.
- Norka - Pensa talvez que não sei que estive em casa de Madame Salma antes do crime? Talvez momentos antes, até?
- Leda - Sim, é verdade. Fui busca-la para irmos á festa.
- Norka - Pois muito bem. E nada viu, nada percebeu, nada desconfiou?
- Leda - (com ligeira indecisão) Não.
- Norka - Absolutamente nada?
- Leda - (idem) Absolutamente...nada.
- Norka - Dê-me uma coisa: - Não minta - quanto tempo estive em casa de Madame Salma antes de saírem para a festa?
- Leda - Não sei bem...creio que uma hora talvez...talvez não tanto. O tempo necessario de convence-la a ir comigo.
- Norka - Muito bem. E nesse espaço de tempo avistou a empregada que foi assassinada?
- Leda - Não. Isto é...não sei...talvez, não me lembro mais.
- Norka - Faça empenho de lembrar-se. Responda sem vacilar, sem procurar evasivas. Durante esse tempo viu a empregada que foi assassinada?
- Leda - (depois de pausa) Não.
- Norka - E não houve, durante o tempo em que permaneceu na casa da sua amiga, qualquer fato que lhe parecesse extraordinario, que lhe merecesse uma atenção especial?
- Leda - (com dificuldade) Não.
- Norka - (insistindo) Nada que lhe parecesse extraordinario?
- Leda - (com maior dificuldade) Não.
- Norka - (frizando) Absolutamente nada?
- Leda - (explodindo numa crise de choro) Por favor, deixe-me. Não me pergunte mais nada. Eu não sei nada. eu não sei de nada. Eu já disse que não sei nada. Porque insiste em me fazer falar? Porque não acredita no que eu digo? Eu não sei de nada, já disse. Repito que não sei. Deixe-me por favor. Vá embora. (desata a soluçar perdidamente. Pausa grande em que só se ouvem os soluços de Leda que aos poucos se vão espaçando até serenar completamente).
- Norka - Ouça-me, Leda: é justamente essa opressão que você sente que eu pretendo aliviar-lhe. É justamente essa sua indecisão em dizer a verdade que lhe faz sofrer. Você procura ocultar o que sabe com receio de comprometer a sua amiga e essa sua persistencia em não falar talvez só prejuizo traga aquela a quem você pretende ajudar. É possível que ela esteja inocente. Mas para isto é preciso que toda a verdade seja desvendada. Vamos, diga-me o que viu e eu prometo que farei o possível para desagrava-la.
- Leda - Que coisa horrivel,, Meu Deus!
- Norka - Fale, conte tudo sem receio. Pense que tambem se pode comprometer obstinando-se dessa forma a não falar.
- Leda - Comprometer-me porque, si eu nada fiz?



- Norka - Aquele que abriga um criminoso em sua casa torna-se consequentemente um criminoso também. Você pretendendo ocultar detalhes que poderão comprometer a sua amiga pode também comprometer-se. Não esqueça isto. (pausa profundo suspiro de Leda) Vamos, então. Está decidida a falar?
- Leda - Pois bem, seja.
- Norka - Ora graças a Deus!
- Leda - Creia Norka que o que mais me aflige, o que mais me tem feito sofrer é acreditar que Salma esteja envolvida neste crime.
- Norka - Esse é pelo menos a opinião geral. Mas você, naturalmente, não de terra as suas razões para pensar assim.
- Leda - Infelizmente, sim. Como eu quizera não ter a menor suspeita!
- Norka - Mas afinal, vamos a saber: O que a levou a creditar que Madame Salma tivesse culpa neste caso?
- Leda - Apenas um detalhe que não me passou despercebido. Quando cheguei ao meu apartamento para busca-la Salma estava nervosíssima e disposta a não ir à festa porque naquele dia não havia conseguido enfeitar o seu quarto e o seu gabinete com papoulas vermelhas - habito que contraiu desde os primeiros dias de casada. Como a visse assim tão contrariada lembrei-me de indicar à empregada uma chacara onde talvez aquelas flores pudessem ser encontradas. Quando me dirigia para o interior do apartamento para fazer o que havia pensado, Salma de um salto interpoz-se à frente da porta impedindo-me de passar sobre o pretexto - ah, hoje estou convencida que foi apenas um pretexto - de que estava tão irritada com a empregada que não poderia suportar a sua presença. Foi quando se decidiu a vestir-se e acompanhar-me à festa.
- Norka - E saíram em seguida?
- Leda - Uns dez minutos depois. O Dr. Valenski chegou e nos levou logo no auto no auto dele.
- Norka - E o que foi ele fazer lá? Não disse?
- Leda - Disse que fora buscar uma radiografia que realmente levou com ele para o consultório.
- Norka - Muito bem. Agora sim. Agora você disse a verdade. Verá o que poderei fazer com os poucos detalhes que me revelou.
- Leda - Disse-lhe tudo que sabia. Daí para cá nada sei de positivo. Suponho, apenas. E é exatamente esta suposição que me tem torturado estes dias.
- Norka - Compreendo. Imagino a sua luta interior entre a vontade de não acreditar e a obrigação de se curvar à evidencia dos fatos.
- Leda - ~~Exa~~ Eu quizera que ela estivesse inocente, quero-lhe tanto bem! Foi sempre tão boa para mim! (campainha)
- Norka - Deve ser o homensinho para saber se já acodei. Entre para o seu quarto que vou recebe-lo agora. (passos)
- Leda - Justina, se for o mesmo homensinho de ha pouco continue afirmando que não estou mas faça-o entrar para cá que dona Norka o receberá.
- Justina - Sim senhora. (passos)
- Leda - (a meia voz) Bem, eu vou para o meu quarto repousar um pouco. Sinto-me mais desabafada depois da confissão mas uma especie de torpor invade-me o corpo e eu sinto a necessidade de dar-lhe um descanso.
- Norka - Vá deitar-se e procure dormir. Depois de ter atendido esse idiota irei embora também.
- Justina - (longe) é por aqui, tenha a bondade.
- Norka - Salve depressa, ele vem aí. (passos que se afastam)



Inspetor - (de longe) Permita que me aproxime.

Norka - Pode chegar. Mas tire o chapéu que não está chovendo.

Insp. - Oh, é verdade! Queira desculpar. Eu me esqueci.

Norka - Foi o senhor que esteve ha pouco aqui me procurando?

Insp. - Por favor, não me chame de senhor. Trate-me por você. É mais intimo.

Norka - Prefiro não entrar em grandes intimidades por bora. Continuarei a trata-lo de senhor.

Insp. - Que pena!

Norka - Afinal não respondeu á minha pergunta. Foi o senhor que estava aqui á minha procura?

Insp. - Fui, mas a empregada disse-me que estava dormindo e então não permiti que lhe perturbassem o sono. Quem sabe lá que sonhos maravilhosos a senhora não estaria tendo naquele momento e que crime brutal seria o acordá-la.

Norka - É...foi isso mesmo. Eu estava sonhando com os anjinhos.

Inspe. - Que bonito!...

Norka - Bem, mas parece-me que não foi para me tecer madrigais que veio aqui em minha procura, não é verdade?

Insp. - Sim, realmente, ~~tãaxx~~ o motivo foi outro mas é que a senhora é tão perturbadora tão estonteante, tão sedutoramente bela que eu esqueço tudo quando estou na sua frente.

Norka - Deixemos isso para depois. Diga ao que veio.

Insp. - Desejo ajuda-la.

Norka - A quem?

Insp. - A senhora.

Norka - Ah! A mim?

Insp. - É. Entretanto é preciso cuidado. Antes de mais nada. Estamos sós?

Norka - Sim, completamente sós. A empregada está lá para os fundos da casa e não escutará o que dissermos. A senhorita Leda saiu esta manhã e até agora não voltou.

Insp. - Pois muito bem. Vou dizer-lhe então quem foi a autora do crime do apartamento III do Edifício Cioconda.

Norka - Ah sim? Então já descobriu?

Insp. - O que é que eu não descobro, senhorita? E descobri por pequenissimo detalhe que passou despercebido de todos, inclusive da senhora que é tão atilada que tem um faro - perdooando a comparação - um verdadeiro faro policial. Até a senhora passou despercebido esse detalhe.

Norka - É possível. E qual foi ele?

Insp. - Simples. Simplissimissimo. Procurei saber qual a ultima pessoa que estivera no apartamento, antes do crime se realizar.

Norka - (com vontade de rir) E o que concluiu?

Insp. - (com voz de misterio) que foi ela a criminosa!

Norka - Mas ela quem?



(Gargalhadas de Norka que se vão afastando do microfone até soar o...

(GONGO)

SPEAKER: - E durante esse tempo, no apartamento 111 de Edifício Gioconda.

Dr. Valenski - Não é possível continuar assim, minha querida. Desta forma vais enfraquecendo cada vez mais. É necessário que te alimentes. Porque recusas todo e qualquer alimento?

Salma - Porque não tenho vontade.

Dr. - Toma um pouco de leite ao menos. Leite é uma coisa que se pode tomar sem vontade. Tens que fazer um esforço. O que não é possível é continuar assim. Dormes a poder de injeções e passas o dia inteiro neste abatimento que me aflige, sem querer ingerir qualquer alimento. Por mais forte que seja o teu organismo terás fatalmente que sucumbir. Vou buscar-te um copo de leite.

Salma - Não, por favor. Bem sabes que não suporto o leite. Causa-me náuseas. Não posso.

Dr. - Come umas frutas, ao menos. Temos aqui maçãs e uvas.

Salma - Não, não quero nada. Deixa-me. Deixa-me assim.

Dr. - Não é possível, minha querida. Então não compreendes?

Salma - Si eu pudesse sair daqui. Ir para longe deste lugar. Ir para uma terra estranha onde ninguém me conhecesse, onde eu pudesse esquecer a tudo e a todos.

Dr. - A tudo e a todos? Queres então esquecer-te de mim?

Salma - Não, de ti não. Irias comigo. Iriamos os dois. Para longe, para muito longe onde pudessemos estar livres do fantasma dessa creatura que morreu, das caras odiosas desses inspetores da policia que não nos dão uma folga, que a todo o momento e a proposito de tudo invadem a nossa casa para repetir as mesmas perguntas e ouvir sempre as mesmas repostas. Oh! Meu Deus! Como tudo isto é horrível! Como tudo isto é apavorante.

Dr. - Tem calma e paciência, minha filha. Tudo ha de passar e uma vez comprovada a nossa inocência far-te-ei a vontade e sairemos daqui. Iremos para onde quizeres. Para a Índia, para o Chile, enfim, para onde escolheres.

Salma - (vagamente) A nossa inocência! E será que a poderemos provar?

Dr. - Acredito que sim. Estou certo que sim. Não ha provas concretas contra nós. Apenas suposições! E a justiça não pode condenar apenas por suposições. Bem sabes disto.

Salma - Não sei, Delmar, eu tenho medo. Muito medo. Assalta-me às vezes um sentimento horrível! Domina-me às vezes um pavor tão grande, desta casa, destas paredes, de tudo que me rodeia, enfim, Vejo a sombra de Maria Sabina a todo o momento atraz de mim. E se passo no lugar em que ela estava estendida, morta, tenho sempre a impressão de que vou tropeçar no seu corpo. É uma coisa horrível! Uma coisa apavorante! Uma coisa de enlouquecer!

Dr. - Tu estás nervosa e enfraquecida. Si concordasses em te alimentar, verias que toda essa depressão, todo esse estado nervoso abrandaria dentro de poucos dias.

Salma - Não posso, o que queres que eu faça? É superior às minhas forças.

Dr. - Experimentemos mais uma vez.

Salma - por favor. Não insistas. É impossível.

- Dr. - Deves ao menos procurar reagir um pouco contra esse desanimo, esse desalento que te prosta cada vez mais. Tenta ler um pouco, distrair um pouco o espirito de toda essa tragedia que te abalou tão profundamente. Olha, vou tocar um pouco para distrair-te. Vou tocar Chopin, que tu tanto aprecias. (começa um solo de piano, um noturno qualquer de Chopin).
- Salma - (quando o noturno vai em meio) Para, por favor. Chega. Se continuares os meus nervos rebentam. (opiano para ao primeiro grito de Salma).
- Dr. - Mas o que é isto, Salma? Não é possível continuares desta forma. É preciso que tenhas dominio sobre os teus nervos.
- Salma - Não posso! O que queres que eu faça?
- Dr. - É preciso reagir.
- Salma - Não posso. É mais forte do que eu.
- Dr. - Nada deve ser mais forte do que a nossa vontade. Faz um esforço e vencerás como has de vencer.
- Salma - É inutil!
- Dr. - É necessario.
- Salma - Será um esforço ~~de~~ vão.
- Dr. - Mas que eu quero que o faças. que eu exijo que o faças. Não posso consentir que continues desta forma. Não comprehendes então que não é só a ti que tu torturas? Não comprehendes que me fazes sofrer? E eu preciso de calma. Preciso que me ajudes a sair desta situação de embaraço em que me encontro e desta forma só poderás contribuir para que eu me atordo também e o resultado disto poderás bem imaginar qual seria. (pausa) Então? Estás disposta a fazer o que te peço?
- Salma - (apos um silencio com voz grave e pausada) Delmar: bem sabes que te amo.
- Dr. - Nunca puz em duvida os teus sentimentos a este respeito, parece-me...
- Salma - Cala-te. Deixa-me falar. Ouve apenas o que te vou dizer e depois falarás.
- Dr. - Perfeitamente.
- Salma - Bem sabes que te amo. Bem sabes que em todos estes anos em que estamos casados, não houve mulher mais carinhosa, mais dedicada e mais obediente ao seu marido do que tenho sido eu. Bem sabes que sufoquei durante muito tempo os meus sentimentos de honra e dignidade, para colocar, acima de tudo, a tua vontade e o teu interesse. Bem sabes que fui alem, muito alem do Todas as conveniencias sociais e até mesmo morais para que os teus desejos fossem cumpridos integralmente. Nunca recuei ante nenhum dos teus projetos. Nunca me rebelei contra nenhum dos teus planos em que me vi incluída. Cumpri-os todos sem discutir. Tornei-me um joguete nas tuas mãos e ao simples puxar de um cordãozinho a pobre marionete era conduzida para o lugar indicado pela vontade de seu dono. Fiz tudo quanto desejaste e tudo por amor de ti. Agora, acreditaste que tudo seria da mesma forma mas os meus nervos começam a ceder á oppressão da minha consciencia. (exaltada) Da minha consciencia, sim. Não sorrias porque eu tenho consciencia. É porque ela se rebelou contra todas as coisas que fiz por tua vontade é que hoje me encontro disposta a lutar contra ti. A resistir ao teu desejo. A desobedecer as tuas imposições. A não me tornar mais um joguete nas tuas mãos criminosas!
- Dr. - (violento) Salma!



(Carateristica forte para encerrab)

Salmo - Não me assustam os teus gritos. todos gritar á vontade. Podes fazer o que quiseres porque eu também gritarei. Gritarei para que todos ouçam! Gritarei para que todos saibam o que somos!

Dr. - Salma! Salma! Acima-te Salma. Lembra-te que os vizinhos nos ouvem.

(gritando) ¡Hei de contar tudo!
me pergun. Que todos saibam quem somos! Que todos saibam o que somos!
alma - Pois que pergun. Que meimporta? É isto mesmo que eu quero, é que todos

!smias - .TC

Seime - (gritando ainda mais) Hei de dizer tudo que sei!

Dr. - (violetismo) 28mm! 28mm!

...afirmo o obot e raiaver ad ich - amia

Dr. - Cais-to deagradat!

...em-xiel...otrup na !otrocos !otrocos (obntido e sa-obntido) - amisa
...!evizvel...Ai...miszvel... (obntidendo) ...!...!...!...!...!...!...!...!...!...!...!

[illegible]

(GONGGONG)

REPARAÇÃO: - Oligam a continuação deste programa na próxima sexta-feira, às dez-
essas horas de hoje.

(Carabinieri for the State)

III Capítulo

(Característica musical, forte ao principio e depois suavemente, servindo de fundo as palavras do)

SPEAKER: - No 1º Capítulo deste romance os nossos ouvintes tiveram ocasião de travar conhecimento com Madame Salma Valenski - a dama das papoulas rubras - que mais tarde fomos encontrar numa festa, em companhia de uma de suas amigas, e de onde foi arrancada bruscamente em virtude de um crime que se deu no seu apartamento. Sua empregada ~~foi~~ ~~fora~~ ~~assassinada~~ ~~exatamente~~ ~~consequência~~ misteriosamente com uma punhalada no coração, em consequência do que Madame Salma e seu marido ficaram presos sob palavra em sua propria residência até que ficasse aclarado o misterio desse crime. A senhorita Norka Irigay, detetive amadora que o acaso colocou na trama desse crime, tendo reparado o nervosismo com que a amiga de Madame Salma recebeu a noticia desse fato, vai procura-la depois em sua residencia, conseguindo dela alguns detalhes que lhe servem de pista. De posse desses detalhes, acompanhada de um inspetor de policia que lhe faz a corte, Norka dirige-se para o apartamento 111 do Edificio Gioconda - Residencia do Dr. Delmar Valenski e sua esposa e exatamente ao chegar a porta do ~~apartamento~~ ~~exatamente~~ ~~surpreendi~~ ~~da~~ ~~exatamente~~ ~~gritos~~ ~~de~~ ~~socorro~~ ~~que~~ ~~partem~~ ~~do~~ ~~interior~~ ~~Quando~~ ~~aparece~~ ~~o~~ ~~inspetor~~, auxiliado pelos vizinhos moradores do prédio, consegue arrombar a porta de entrada, Madame Salma jaz estendida sobre o tapete do quarto onde se achava, tendo os dedos de seu marido impressos em manchas roxas no seu pescoço. E que no seu crescente nervosismo ela não se podendo mais conter sentiu necessidade de falar, de contar o que sabia ou quem sabe até se disser o que teria feito, tendo ele então, para impedi-la, procurado mata-la o que só não conseguiu devido a chegada providencial da senhorita Norka e do Inspetor. Recolhida a um hospital, devido a gravidade do seu estado, lutou varios dias contra a morte que felizmente deixou-a escapar-se de suas garras. E nesse hospital que vamos encontra-la, algum tempo depois, recebendo a visita de sua salvadora e já em plena convalescença.

(a característica aumenta cessando a seguir para ceder lugar ao diálogo).

- Norka - E então, já se sente melhor hoje?
- Salma - Muito pouco. Tenho a cabeça bastante tonta, ainda.
- Norka - É do estado de fraqueza. Passou tantos dias sem se alimentar. Já comeu alguma coisa hoje? Já tem mais apetite?
- Salma - Apetite não tenho mas as freiras me obrigam a comer de qualquer forma.
- Norka - É claro, e isso mesmo que tem que ser. Tenho vindo sempre aqui para visitá-la mas não me tem deixado entrar.
- Salma - Continuo proibida de receber visitas. O medico não quer que eu faça nenhum esforço.
- Norka - E não deve fazer mesmo. Deve procurar fortalecer-se o mais depressa possível. ~~afim de poder depois prestar~~ Para isso é necessário um repouso absoluto.
- Salma - Como foi que a senhora conseguiu entrar?
- Norka - Iludindo a vigilancia dos enfermeiros. Estes são facéis de tapear. O difficil é convencer as freiras, mas esperei a hora em que todas subiram para rezar o terço na capela e puz o meu plano em execução.
- Salma - Si elas souberem que a senhora esteve aqui ficarão zangadas consigo e com os enfermeiros.
- Norka - Não precisarão saber de nada. ~~preencherá sair~~ Tratarei de retirar-me antes que o terço termine.

- Salma - Porque fazia tanto empenho em vir ver-me?
- Norka - Porque tinha necessidade de falar com a senhora. Porque desejo ajudá-la.
- Salma - Oh, por favor! Não me fale disso agora. Eu desejo esquecer. Eu preciso esquecer.
- Norka - O que não deve esquecer é que logo que tenha saído daqui a policia a obrigará a uma serie de interrogatorios dos quais eu lhe poderia livrar se concordasse em responder a duas ou tres perguntas que lhe quero fazer.
- Salma - E porque não as deixa para outro dia? Estou hoje tão cansada. Não pude dormir quasi nada durante a noite.
- Norka - Não deixarei para outro dia por um motivo muito simples: porque desejo auxiliá-la, já disse. E para isto preciso agir imediatamente. Ha dois dias que rondo este hospital e ~~mas~~ procuro entrar nele sem que o tenha conseguido. Hoje que o consegui não desejo sair daqui sem as informações que necessito.
- Salma - E se eu tocar a campainha?
- Norka - Melhor para a senhora. Eu serei posta na rua depois de haver escutado dois ou tres desaforos e ter dito dez ou doze e o seu marido será fatalmente condenado por um crime cuja culpa não lhe cabe.
- Salma - A senhora sabe que não foi ele que praticou esse crime?
- Norka - Sei e espero poder provar o que digo muito em breve. Antes, porem, necessito esclarecer um outro ponto. É para isto que estou aqui.
- Salma - Ele já foi interrogado?
- Norka - Várias vezes. Entretanto não lhe conseguiram arrancar uma unica palavra. Mantem-se mudo e impenetravel como no momento em que foi preso.
- Salma - E como vai ele?
- Norka - Muito abalado com o que aconteceu. Embora não diga nada, percebe-se ^{isso} claramente no seu dhar de tristeza e no seu ar constante de preocupação.
- Salma - Diga-me: ele não perguntou por mim nenhuma vez?
- Norka - Eu já lhe disse que ele não fala. Mentiram-lhe que a senhora havia morrido para ~~conseguirem~~ ver se conseguiam obter qualquer reação que o levasse a falar mas ele permaneceu no mesmo mutismo. Apenas, momentos depois, os seus olhos se marejaram de lagrimas.
- Salma - (chorando) Coitado! Como deve estar sofrendo. Eu não devia ter feito o que fiz. Fui eu a culpada. Si eu tivesse controlado os meus nervos nada disto teria acontecido e eu estaria agora ao seu lado.
- Norka - Vamos, não fique assim. Procure dominar-se. E falemos do que interessa se é que está disposta a receber minha ajuda. Quer responder ao que lhe vou ~~per~~guntar?
- Salma - (depois de uma pequena pausa de indecisão) Sim.
- Norka - Muito bem. Alegro-me em poder ajudá-la. Responda então às perguntas que lhe vou fazer sem procurar fugir à verdade. ~~Porque assim~~ Desde quando adquiriu por habito enfeitar o seu quarto e o seu gabinete com papoulas vermelhas?
- Salma - Ha muitos anos. Nem posso lhe dizer com certeza ha quanto tempo faz.
- Norka - Foi um habito que adquiriu depois de casada ou já o tinha quando solteira?
- Salma - Não. Foi depois de casada que me habituei a gostar das papoulas.
- Norka - Seu marido as cultivava com muito carinho em seu jardim, não é verdade?
- Salma - Sim... é verdade.
- Norka - E foi desde aí que se habituou a admira-las, não é assim?
- Salma - Foi.
- Norka - E de tal forma se ~~habituou~~ apaixonou por elas que o dia em que elas lhe faltavam ficava irritada, nervosa, com raiva de tudo e de todos; não é certo?
- Salma - Exatamente.
- Norka - E porque exatamente eram as papoulas cor de sangue as que mereciam a sua preferencia?
- Salma - Porque... isto é... não ha propriamente uma razão. A razão é que me pareciam mais bonitas do que as outras.
- Norka - Não nega então a sua preferencia pela cor do sangue, não é verdade?
- Salma - Porque me faz esta pergunta?
- Norka - Porque preciso da resposta. Quer ou não quer responder com sinceridade? Sem ocultar coisa alguma? Não concordou em aceitar o meu auxilio?
- Salma - Sim.

- Norka - Responda então. Teve sempre preferencia pela cor de sangue?
- Salma - Sim. Desde menina. Quando eu estava no colegio lembro-me que vi uma vez dois meninos brigando. Um arranhou o rosto do outro. O arranhao começou a sangrar e imediatamente todas as meninas que estavam na minha companhia fugiram espavoridas. Eu ao contrario fiquei encantada com o liquido vermelho que escorria pela face branca do menino. E o encantamento chegou a tal ponto que procurava depois ferir os braços ou as pernas só pelo prazer de ver o sangue escorrer. Compreendo que era uma excentricidade minha mas a verdade é que sentia um grande prazer nisto.
- Norka - Muito bem. Ha ainda uma outra pergunta que desejo fazer-lhe. Porque motivo seu marido tentou mata-la?
- Salma - Não sei... ele estava muito nervoso...
- Norka - Não minta. Lembre-se que ha necessidade de me contar tudo. Vamos, responda. Porque motivo seu marido tentou mata-la?
- Salma - O que se passou entre nós não tem nada que ver com o crime anterior. Ele é muito nervoso, não gosta de ser contrariado...
- Norka - E no que foi que a senhora o contrariou, pode dizer-me?
- Salma - Foram assuntos intimos. Não tem relação nenhuma com o que se passou anteriormente e as minhas declarações neste sentido em nada adeantaria a este caso.
- Norka - Os seus vizinhos, entretanto, declararam ter ouvido a senhora gritar que precisava falar, que tinha necessidade de falar. A quem melhor do que a mim, que pretendo ajuda-la, poderia a senhora fazê-lo?
- Salma - Os vizinhos declararam isto?
- Norka - Claro que sim. Pansa que estou mentindo?
- Salma - Não, não é isto. Então eles ouviram?
- Norka - Ouviram tudo.
- Salma - (após uma pausa) Neste caso, é inutil negar.
- Norka - É necessario falar.
- Salma - Pois bem, vou dizer tudo então.
- Enfermeiro - Venho avisar-lhe de que a senhora precisa retirar-se. Está lá em baixo na portaria um senhor de charuto na boca.
- Norka - Baixo, careca, barrigudo.
- Enfermeiro - ~~Exatamente. É o meu apaixonado. É o inspetor da policia.~~ Exatamente.
- ~~Exatamente. É o meu apaixonado. É o inspetor da policia.~~ Norka - É o meu apaixonado. É o inspetor da policia.
- Salma - Quem é?
- Norka - É a minha diferença. Eu não posso dar um passo que esse idiota não vá atrás. O que é que ele quer?
- Enfermeiro - Queria visitar Madame Salma. Como nós o impedissemos está fazendo um barulho enorme lá em baixo alegando que a senhora entrou e que não ha razão de se lhe dar privilegio. Disse que com mais razão deveriamos deixar entrar a ele que é da policia e não a senhora que nada tem que ver com isto.
- Norka - Pois essa é que deve ser exatamente a razão de o não deixar entrar. Ele é da policia e viria certamente perturbar a tranquilidade da doente com um porção de perguntas que nada lhe adeantariam porque desconheço creatura mais embrulhona e com mais falta de tino do que ele. Apaixonou-se por mim, agora a senhora imagine. Um homem apaixonar-se por mim é o cumulo da falta de tino, não lhe parece?
- Enfermeiro - A questão é que ha mais de dez minutos que discute lá em baixo para entrar; o terço está já no fim, a ~~Superior~~ ^{Superior} deve chegar dentro de poucos momentos e descobrirá que lhe deixamos entrar.
- Norka - Espere mais dois minutos e eu sairei. Preciso falar um momento ainda com Madame Salma.
- Enfermeiro - Desculpe mas não é possivel. A senhora deve sair antes que a superiora volte.
- Norka - Eu sairei antes que ela volte mas preciso falar ainda um minuto com Madame Salma. Deixe-nos a sós. (ouve-se uma sineta ao longe)
- Enfermeiro - Não é mais possivel. O terço terminou. (nervosa) Saia depressa. Saia ou ficaremos seriamente comprometidas.
- Norka - Está bem. Adeus. Logo que me seja possivel voltarei para continuarmos o nosso assunto.

Leda - Escute, eu desejava um favor seu.

Norka - Fale.

Enfermeiro - Depressa, a senhora precisa sair.

Norka - (com raiva) Espere um bocão, homem de Deus, já vou sair. Fale, dona Salma.

Salma - Ai dentro do meu livro de resa tem um cartãozinho da minha florista com o seu endereço.

Norka - Este aqui?

Salma - Exatamente. Quer passar lá amanhã de manhã e pedir-lhe o favor de mandar todos os dias à cela do meu marido um ramo de papoulas vermelhas?

Norka - Pois não, posso passar. Quer mais alguma coisa?

Salma - Obrigada, era só isso.

Enfermeiro - Vamos, depressa.

Norka - Vamos, homem, vamos. Adeusinho, Madame Salma. Até amanhã.

Salma - Até amanhã.

(GONGO)

Passa a' fl. 4.

Uma
SPEAKER: E duas horas depois, na casa de flores da senhorita Francelise.
(Ouve-se a principio apenas o canto dos passaros que servirá depois de fundo para todo o dialogo)

Chauf. - Boa tarde, senhorita.

Franc. - Boa tarde. Como está Madame Salma, melhorou?

Chauf. - Tem estado um pouquinho mais animada hoje.

Franc. - Tenho telefonado todos os dias para o Hospital afim de saber noticias suas. Foi bom o senhor ter aparecido por aqui porque hoje, casualmente, estavamos sem noticias dela. Eu não sei se será o nosso telefone ~~xxxxxxxHospital~~ que está mal que eu hoje não consegui me comunicar com o Hospital. Eu e minha irmã estamos aflitas para vê-la. Assim que ela tenha permissão para receber visitas pretendemos ir lá.

Chauf. - Pois foi isso exatamente que eu vim fazer aqui.

Franc. - O que? Ela já pode nos receber?

Chauf. - Não só pode como deseja muito. Hoje pela manhã foi a primeira coisa que ela me pediu. "Liborio, você vá na casa de Flores de mademoisele Francelise e peça-lhe que venha cá. Quero agradecer-lhe pessoalmente a sua delicadeza de mandar-me diariamente papoulas ao Hospital."

Franc. - Coitada! Tive tanta pena do que lhe aconteceu! Como não pudesse vê-la nem falar-lhe lembrei-me de mandar-lhe as papoulas que ela tanto gosta.

Chauf. - Foi uma lembrança feliz e delicada. Madame mandou que eu a esperasse para leva-la de auto.

Franc. - Muito bem. Terei um enorme prazer em ir, entretanto teremos que esperar um pouco porque minha irmã não está para tomar conta da loja. Se tem alguma volta a dar pode passar aqui dentro de 15 minutos que eu credito que ela já terá chegado.

Chauf. - Não senhora, não tenho nada a fazer. Vim especialmente para busca-la. Eu esperarei, não tem importancia.

Franc. - Sente-se, então, aqui tem uma cadeira.

Chauffeur - Muito ~~agradecido~~ obrigado, senhorita.

Francelise - Desde quando Madame Salma teve permissão para receber visitas? Ontem ainda, quando pedi noticias suas, a enfermeira disse-me que tão cedo o medico não lhe permitiria recebe-las.

Chauf. - A enfermeira não sabia o que estava dizendo. Inda esta tarde uma das suas amigas, a senhorita Norka Irigay, conhece?

Franc. - Não.

Chauf. - Esteve lá de visita.

Franc. - Pois eu fico muito satisfeita em saber disto. É um sinal evidente de melhora. Eu só imagino o quanto a pobresinha deve ter sofrido com essas cousas todas.

Chauf. - Muitissimo. A senhora é capaz de não reconhecê-la. Está magra, desfigurada, nem parece aquela Madame Salma bonita e elegante que a senhora conheceu.

Franc. - Tambem, com o que se passou não era para menos. E eles parecia que se davam tão bem! Que eram tão amigos!

Chauf. - A senhora não conhece o ditado: "Quem vê caras não vê corações"? Pois é o caso. Debaixo daquela capa de serenidade do Dr. Valenski, esconde-se uma verdadeira fera. Se a senhora os conhecesse mais intimamente, como eu, ficaria admirada da paciencia e resignação de Madame Salma. Nem posso compreender como ela o aturou tanto tempo.

Franc. - Coitada! Naturalmente queria bem a ele.

Chauf. - Um bem que ele nunca soube merecer.

Franc. - E ele? Continua preso?

Chauf. - Claro que sim. Ele agora ha de pagar por todas as que fez. Ele tem muitas dividas a saldar, acredite.

Franc. - Mas segundo me disseram, o seu depoimento na policia foi favoravel a ele.

Chauf. - Não é verdade. A vida intima dos dois não tinha relação alguma com o crime que se deu no apartamento, razão porque não fiz nenhuma declaração neste sentido. E sobre o crime, embora ~~eu~~ tenha as minhas desconfianças, eu nada sabia; não seria justo que fosse acusa-lo. Calei.

- Francelise - E ele, o que alega em sua defesa? Não diz a razão porque tentou matá-la?
- Chauf. - Não fez uma única declaração, até agora. Todos os esforços da polícia para o fazer falar, tem sido em vão.
- Franc. - E o que poderá ele lucrar com esse silêncio?
- Chauf. - Absolutamente nada. Pelo contrário. Só poderá ter prejuízo com ele. A polícia tirará as deduções que lhe parecerem aceitáveis, acusa-lo-á do que lhe parecer justo e ele será fatalmente condenado. (campanha de telefone)
- Franc. - Um momentinho, vou atender o telefone. (Passos. Falando um pouco afastada do microfone) Alô! É da casa de Flores. É sim senhora. Como? ~~xxxxxxxxxxxx~~ A corbeille da rua da Republica? Já mandei, Madame. Ha um quarto de hora mais ou menos. Deve estar a chegar. Sim senhora, perfeitamente. De nada, Madame. Passe bem. (desliga o telefone) (Passos que se aproximam) Minha irmã está demorando. Até que horas é permitida a visita no hospital?
- Chauf. - Até às oito a senhora poderá entrar. Ha bastante tempo. ~~xxxxxx~~ Não são sete e meia ainda. De e auto, em cinco minutos estaremos lá.
- Irmã - Boa tarde.
- Franc. - Oh, vais viver muitos anos. Acabava de falar em ti.
- Irmã - Em mim?
- Franc. - Sim. Dizia que estavas demorando muito e estava aflita que chegasses porque preciso sair. Vou ao Hospital ver Madame Salma que me mandou chamar.
- Irmã - Como? Madame Salma já está recebendo visitas?
- Chauf. - Desde esta tarde. E mostra-se ansiosa para ver a senhorita Francelise. Tanto assim que me fez vir buscá-la.
- Franc. - Eu esperava apenas que chegasses para tomar conta da loja.
- Irmã - Podes ir então. Eu ficarei aqui.
- Franc. - Vamos?
- Chauf. - Pois não, senhorita.

(GONGO)

SPEAKER: - E naquela mesma noite, no gabinete de estudo e trabalho da senhorita Norka Irigay.

- Norka - O senhor é um bocado caçete, hein? Eu já não lhe havia dito que não podia receber ninguém hoje? Já não bastou o que o senhor me fez lá no hospital? Interromper as minhas investigações exatamente no momento mais interessante? Porque razão o senhor vive a seguir todos os meus passos, homem de Deus?
- Inspetor - Porque a senhora corre perigo e eu desejo protegê-la.
- Norka - Agradeço a proteção. Posso dispensá-la perfeitamente. Eu sei me defender sózinha.
- Inspetor - E depois não existe nada mais agradável para mim do que estar sempre ao seu lado. Irradia de si uma tal simpatia que ~~me~~ atrai de uma forma ~~tal~~ que se torna inutil qualquer resistência. Eu sou assim como aqueles cachorrinhos vagabundos de sargeta que resolvem acompanhar um transeunte qualquer e por mais que sejam por ele escorraçados e enojados continuam a segui-lo sempre. E só desistem quando o transeunte chega a sua casa e lhes bate com a porta na cara. E isto mesmo eles ainda ficam muito tempo ali parados perto da porta na esperança de que ela de um momento para o outro venha a se abrir novamente.
- Norka - Mas o senhor hoje teve mais sorte do que os cuscos de sargeta porque eu o mandei entrar. Mas afinal, o que deseja de mim?
- Inspetor - O que eu desejo a senhora já sabe. Quero que se case comigo. Responda sim e serei o homem mais feliz do mundo!
- Norka - Agora não posso. Estou muito ocupada.
- Inspetor - Mas eu não lhe peço para casar agora. Peço-lhe o sim apenas. Do casamento nós trataremos depois!
- Norka - Escute uma coisa: e se eu lhe der uma resposta satisfatória o senhor aceitará que eu imponha condições?
- Inspetor - Para conseguir o que aspiro sujeitar-me-ei a qualquer condição.
- Norka - Muito bem, então ouça: Eu serei capaz de casar com o senhor um dia. Quando não sei nem me interessa saber. Não tenho pressa nenhuma em casar. Quem esperou até agora pode esperar um pouco mais.

Inspetor - A senhora pôde esperar mas eu não pôsso.

Norka - Pôde sim, como é que não pôde. Que diabo! Afinal o senhor não está tão velho assim. Está um pouquinho usado mas seis mezes de mais ou menos uso não faz la grande diferença.

Inspetor - Quer dizer então que dentro de seis mezes...

Norka - Espere aí, eu não disse nada. Não se precipite. Eu ainda não lhe disse a condição essencial para aceitar qualquer compromisso com o senhor.

Inspetor - Diga, diga depressa. Diga que eu não pôsso mais de impaciencia. Qual é ela? Qual é ela?

Norka - Espere aí, homem, deixe a minha mão. O senhor arrebenta a manga do meu vestido. Puxa! Que homemsinho arrebatado!

Inspetor - Mas fale, por favor, fale que eu não posso mais!

Norka - Vou falar, tenha calma. Eu estarei de acordo em casar com o senhor com uma condição: continuarei a trabalhar como detetive sem que o senhor tenha o direito de meter-se nos meus assuntos nem andar cuidando todos os meus passos. Irei para onde for necessario, para onde a minha curiosidade de Scherlock amadora me levar, e o senhor não se meterá no meu trabalho, nem mesmo sob o pretexto de me proteger porque eu tenho espelho em casa e sei que nada protege melhor o meu corpo do que a minha cara. Se serve assim eu sou capaz de fazer a asneira de casar. Se não serve, nada feito.

Inspetor - Serve, serve. Eu farei empenho de não me meter nas suas investigações.

Norka - Farei empenho não senhor. Assim não serve. O senhor dará a sua palavra de que me deixará trabalhar em paz sem se meter no meu serviço.

Inspetor - Perfeitamente. Então quando poderemos casar?

Norka - Bem, isso eu vejo depois. Agora não posso que estou muito ocupada. Tenho muita coisa pra fazer. E o senhor vai começar o que me prometeu, agora mesmo. Vai embora que é para eu poder fazer uns estudos sobre uns dados que consegui colher hoje.

Inspetor - Foi de Madame Salma que os cõlheu, foi? O que lhe disse ela, hein. Não conta ao seu futuro maridinho.

Norka - Não conto nada. Absolutamente nada. Acabamos de fechar o negocio nestas condições. Vá, vá embora. Amanhã conversaremos.

Inspetor - E vou sair assim sem nem um beijo da minha noivinha?

Norka - Não pôsso agora. Amanhã eu dou dois. (campanha do telefone. A voz de Salma fica perto do microfone e a de Francelise à distancia)

Insp. - Quer que atenda?

Norka - De forma nenhuma. Não sou aleijada. Tenho dois braços. (Passos. Ruido de levantar o fone do gancho) Alo, quem fala?

Franc. - É a senhorita Norka quem está no aparelho.

Norka - Sim senhora. Quem fala aí?

Franc. - Fala aqui Francelise. A fornecedora de papoulas de Madame Salma Valenski.

Norka - Ah, sim, já sei. Casualmente eu ia passar em sua casa amanhã de manhã. Tenho um recado dela para lhe transmitir.

Franc. - Sim? Coincidencia. Eu tambem desejava transmitir um recado a ela e como não me deixaram entrar no hospital lembrei-me de valer-me da senhora que segundo me consta tem conseguido entrar lá.

Norka - Isso foi hoje, por astucia minha. Amanhã não sei se me será possivel, em todo o caso tentarei.

Franc. - Escute, Madame... não seria imprudencia minha pedir-lhe para chegar até a minha casa?

Norka - Posso ir, não me custa.

Franc. - Então tome nota do endereço.

Norka - Eu tenho o seu endereço. Salma deu-me o seu cartão.

Franc. - Ah, sim... a senhora tem o meu endereço... Mas olhe... um momento... (Pausa) Alo!

Norka - Pronta.

Franc. - Esse endereço que a senhora tem é o do negocio. Mas o endereço da minha casa é outro. Alo! Um momento. (Pausa) Escute aqui... eu vou mandar um automovel busca-la. O chauffeur é meu conhecido e a trará a minha casa. A senhora virá mais depressa e teremos mais tempo para conversar.

Norka - Perfeitamente. Vai mandar o automovel agora?
Franc. - Sim, neste momento.
Norka - Muito bem, então esperarei na porta da rua. Sabe o meu endereço?
Franc. - Sei, sim senhora. Então até já, não é?
Norka - Até já! (Ruido de desligar o telefone)
Insp. - Quem era?
Norka - Ninguém. Lembre-se do nosso trato. Aqui está o seu chapéu. Vamos decer que preciso sair. Ah, espera aí. Deixa ver o meu revolver. Seguro morreu de velho. Quem gosta de mim sou eu mesma!
(GONGO).

SPEAKER: - E nesse meio tempo, na prisão, o Dr. Delmar Valenski recebe a visita de Leda, amiga de sua esposa, da qual a policia se utiliza afim de ver se consegue arrancar a confissão dos motivos que o levaram a tentar assassinar a Madame Salma. Vamos escutá-los:

Leda - Estamos sós, Dr. Delmar. Porque não fala? Ninguém nos ouve e eu vim aqui para ajudá-lo. Porque sorri? Não cre que seja verdade o que lhe digo? Vamos, fale. O senhor está sofrendo muito, eu sinto, e talvez se desabafasse com uma pessoa amiga sentisse uma melhora grande. Vamos, fale.
Delmar - Falar... falar o que?
Leda - Diga, porque razão tentou matar Salma? Ela que foi sempre tão sua amiga. Tão boa! O senhor parecia dedicar-lhe uma tão grande afeição. (Pausa) Diga... Porque razão tentou matar Salma?
Delmar - Salma... quem é Salma?
Leda - Salma, sua mulher. Será possível que já não se lembre mais?
Delmar - Minha mulher?
Leda - Sua mulher, sim.
Delmar - Onde é que ela está?
Leda - Está no hospital. Está doente.
Delmar - No hospital?
Leda - No hospital, sim. Não se lembra dela?
Delmar - Não.
Leda - Faça um esforço para recordar-se. A sua mulher, Salma, aquela que vivia em sua casa com o senhor.
Delmar - Não sei... Na minha casa?... Minha mulher?... Quem é minha mulher? Quem é a senhora?
Leda - Mas Dr. Delmar, será possível que o senhor não me reconheça? Sou a Leda, a amiga de Salma, a sua amiga. Aquela que estava sempre em sua casa.
Delmar - O que é que a senhora quer?
Leda - Quero que o senhor fale. Que me conte o motivo porque tentou mata-la.
Delmar - O motivo? Que motivo? Não ha motivo nenhum. Eu não lhe conheço, não sei quem é. O que é que a senhora deseja de mim? Porque vem aqui me aborrecer? Quer que eu fale. Mas falar o que? Deixe-me não tenho vontade de falar.
Leda - Mas é necessário, doutor. O senhor precisa falar. O senhor não pode permanecer assim. Acabará fatalmente adoecendo. (Pausa) Porque me olha assim?
Delmar - Quem é a senhora?
Leda - Eu já disse ao senhor que sou a Leda. A amiga de sua esposa. Amiga de Salma. Não se lembra de mim? Não se lembra de Salma?
Delmar - Quem é Salma?
Leda - Salma é a sua esposa. Vamos, faça um esforço de memoria. Transporte-se ao apartamento 111 do Edificio Gioconda, onde o senhor mora. Veja se consegue lembrar-se dela, da sua casa, do seu gabinete bege, com o seu bureaux, as suas poltronas de veludo grenat e augele jarrao de faiança onde ela punha todos os dias umas papoulas cor de sangue.
Delmar - Papoulas cor de sangue?!...
Leda - Sim, as papoulas com que Salma enfeitava todos os dias o seu gabinete e o seu quarto de vestir.
Delmar - Papoulas cor de sangue!...
Leda - Lembra-se? (baixo) Felizmente parece que começa a recordar-se.

- Delmar - As papoulas! Lembro-me sim. Lembro-me delas. Foi por causa delas. Foi por causa delas! As papoulas cor de sangue! Foi por causa delas que ela quiz falar! Foram elas as culpadas de tudo! Se não fossem elas eu não a teria assassinado. Eu sou um criminoso! Eu sou um miserável! Fui eu, sim. Fui eu que a matei. E elas, só elas tiveram a culpa de tudo! Oh! como eu as detesto, como eu abomino as papoulas cor de sangue!...
- Leda - Tenha calma, Dr. Delmar. Não fique assim. Procure serenar-se para podermos conversar.
- Delmar - Quem é a senhora? O que quer aqui? Porque vem aborrecer-me com perguntas? Quer saber se fui eu que a matei, não é verdade? Pois fui eu, sim. Fui eu que a matei. Quer alguma coisa mais? Fui eu que a matei, está ouvindo? Fui eu que a matei, está entendendo?
- Leda - Dr. Delmar, acalme-se! (baixo) Meu Deus, que horror!
- Delmar - Mas eu não tive a culpa. Elas é que foram as culpadas. As papoulas. Só as papoulas tiveram a culpa de tudo. Si não fossem elas nada teria acontecido. Também de agora em diante hei de vingar-me delas. Não cairá uma só em minhas mãos que a não destrua. Hei de vingar-me de todas. Hei de matar papoula por papoula como a matei também! Hei de aperta-las, esmigalha-las com as minhas mãos. Estas mãos que tremem. Estas mãos que se agitam no desejo incontido de vingança! Hei de vingar-me, sim. Hei de destruí-las todas, uma por uma. E quando não houver mais uma só papoula sobre a terra então eu estarei contente. (gargalhadas) Vingança! (gargalhadas) Quero vingança! Elas serão destruídas todas. Uma por uma! (gargalhadas) Hei de destruí-las todas! (gargalhadas) Hei de destruí-las todas! (gargalhadas) Todas! (gargalhadas) Todas!... (gargalhadas, muitas gargalhadas)
- Leda - (após uma pausa, quando as gargalhadas diminuem de intensidade) Coitado! É inútil. Está completamente louco! (Chora)

(GONGO)

SPEAKER: - E transportemo-nos agora para uma casa modesta e isolada de um arrabal de distante, até onde foi conduzida a senhorita Norka Trigay pelo chauffeur que a foi buscar em sua residência. Ela acabou de ser introduzida numa sala pobre, de luz muito fraca e cujas divisões internas são todas de madeira. Seus olhos investigadores estão fixos na porta que dá para o interior da casa à espera de que lhe apareça alguém. Passam alguns momentos e finalmente a senhorita Francelise aparece. (Passos)

- Franc. - Peço-lhe desculpas da demora.
- Norka - Não tem importância. É a senhorita Francelise?
- Franc. - Exatamente.
- Norka - Não pensei que morasse assim tão longe.
- Franc. - É realmente um bocado distante a minha casa e foi por esse motivo que me prontifiquei a mandar-lhe um automóvel.
- Norka - Muito bem, já estou aqui não tem importância. Vamos ao que interessa. A senhora ~~me~~ disse por telefone que precisava falar comigo, não é verdade?
- Franc. - É verdade sim. E se não fui ao seu escritório ou mesmo à sua casa foi por que acreditei que aqui falaríamos mais à vontade, uma vez que o assunto que tenho a tratar com a senhora deve merecer absoluta reserva.
- Norka - Trata-se...
- Franc. - Do crime do apartamento III do edificio Gioconda. Mas antes uma pergunta: a senhora esteve hoje no hospital? Como conseguiu entrar?
- Norka - Muito simplesmente. Com o poder da minha vontade. Mas não vejo em que possa essa sua pergunta influir no assunto que vamos tratar.
- Franc. - É simplesmente porque eu desejava saber se havia falado com Madame Salma e qual a incumbência que tinha para mim.
- Norka - É uma incumbência de ordem sentimental para Madame Salma e de ordem comercial para a senhorita. Deixaremos isto para depois. É uma coisa sem importância. Vamos a saber: o que deseja de mim?

- Franc. - Pois muito bem, então vamos ao assunto: A senhora sabia que Madame Salma era minha fregueza de flores há três meses?
- Norka - Sim, foi ela mesma que me disse hoje.
- Franc. - Sabia da predileção que ela tem pelas papoulas cor de sangue?
- Norka - Já ouvi algumas referências a respeito.
- Franc. - Pois bem, eu fui informada de que a senhora está vivamente interessada em elucidar o crime do apartamento de Madame Salma e que para isso tem procurado ouvir as suas amigas bem como as pessoas mais estreitamente ligadas a ela, de uma forma ou doutra, lhe poderiam fornecer detalhes que talvez a auxiliassem a chegar a uma conclusão exata, não é verdade?
- Norka - Na qualidade de detetive amadora apaixono-me por todos os casos que, como este, envolvem-se de misterio. Tenho, em verdade, procurado ouvir as pessoas mais ligadas ao casal Valenski porque me parece ser o meio mais adequado para ~~conhecer-lhe~~ chegar a uma conclusão.
- Franc. - E foi exatamente por isto que me lembrei de fazer-lhe ciente da predileção de Madame Salma pelas papoulas cor de sangue.
- Norka - Que influencia lhe parece que possa ter esse fato?
- Franc. - E que certa vez li um conto policial em que o personagem principal era um cirurgião que de tal forma se habituou a ver escorrer o sangue dos seus operados que no dia em que não tinha uma operação para fazer sentia a necessidade de matar qualquer animal ou até mesmo uma creatura, se fosse preciso, afim de satisfazer o seu desejo de ver o sangue escorrer. E dada a predileção de Madame Salma pelas papoulas cor de sangue imaginei que poderíamos estar à frente de um caso semelhante. Ela própria me confessou que o dia em que não lhe era possível ter a sua casa enfeitada com as flores rubras sentia uma tão grande irritação contra tudo e contra todos que já estava convencida de que as papoulas eram necessárias à sua calma e tranquilidade.
- Norka - Não há dúvida que este detalhe é interessante e digno de um estudo especial, entretanto não estou inclinada a acreditar que ele tenha qualquer relação direta com o assassinato. Adeanto-lhe, até, que a pista que a senhora está pretendendo insinuar foi exatamente a seguida pela policia; eu, entretanto, não estou de acordo com ela.
- Uma voz - (de dentro) Francelise! Chegue aqui um momento.
- Franc. - (gritando) Já vou. Com licença um momento, sim? É meu irmão que está chamando. Eu volto já.
- Norka - Pois não. (Passos que se afastam) Está interessante o ^{desejo} ~~interesse~~ dessa menina em querer levar-me a crer que tenha sido Madame Salma a autora desse crime. A não ser que se tenha de fato impressionado pelo ~~fato~~ que acabou de me contar e alimente o desejo sincero de colaborar na solução desse misterio, deve haver nisto tudo uma outra intenção oculta. Ela me pareceu nervosa embora se tenha esforçado por fingir-se calma. Seus olhos a todo o momento procuram a porta como a esperar que dela surja alguém ou alguma coisa; e não me passou despercebido o estremecimento interior que sentiu quando lá de dentro gritaram o seu nome. (Pausa de reflexão) Enfim, seja lá o que for estou pronta e disposta para tudo. (Passos que se aproximam) Ah vem ela.
- Franc. - Desculpe a interrupção. Meu irmão desejava sair... queria mudar de roupa...
- Norka - Não tem importancia. Podemos prosseguir o nosso assunto. Acha então a senhorita que Madame Salma...
- Franc. - Com licença. Há ainda um detalhe que não lhe revelei. No dia em que se deu o crime Madame Salma estava indignada porque não havíamos conseguido arranjar-lhe as suas papoulas vermelhas. Telefonou varias vezes para a loja, numa impaciencia e num nervosismo que cheguei a desconhecer aquela mulher fina a tratavel que seguidamente aparecia lá em casa.
- Norka - Nada disto tem maior importancia, a meu ver.
- Franc. - Está então disposta a seguir a pista que lhe parece exata?
- Norka - Claro que sim. E já agora não a abandonarei por coisa alguma desta vida.
- Franc. - Pois eu lhe daria o conselho de abandoná-la.
- Norka - Porque? Pode me dizer?

- Franc. - Porque sei que vai aborrecer-se muitissimo no caminho em que está. ~~Porque~~
Norka - Não faz mal. Prossegui*rei*.
Franc. - Atenda o que lhe digo. Desista disso. O que ganhará, afinal, em descobrir o verdadeiro culpado?
Norka - Não viso lucros. Apenas a satisfação de livrar a sociedade de um elemento perigoso.
Franc. - Quer dizer então que nada a fará desistir?
Norka - Nada. (Pausa) O que querem dizer esses sinais?
Franc. - ((baixo, nervosissima) Cale-se, pelo amor de Deus. Não me comprometa. (alto, tentando despistar) Quer dizer que desiste, não é assim?
Norka - Porque me faz sinais afirmativos? Não desisto. (alto, bem alto) Já lhe disse que prosseguirei.
Chauf. - Si puder! O que duvido muito agora.
Norka - Como! O senhor?!... O que quer dizer tudo isto? Para que me trouxeram aqui?
Chauf. - Para aconselha-la a desistir dessa mania de Scherlock. Uma vez, porem, que insite em continuar eu tratarei de impedi-la. (Ouve-se um grito agudo de Francelise ao mesmo tempo que dois disparos de revolver, um em seguida do outro) /
Uma voz fora - (ao mesmo tempo que se ouvem batidas violentas na porta) Abra! Abra em nome da lei!
- Speaker - Quem teria disparado os tiros que acabamosde ouvir? A quem teriam eles atingido? Quem teria avisado a policia daquele encontro da Senhorita Norka naquele bairro afastado? Porque motivo a Senhorita Francelise estará envolvida no misterio desse crime? Ouçamos o episodio final deste romance na proxima sexta feira às mesmas horas de hoje.
-

ULTIMO CAPITULO

(Característica musical, forte ao principio e depois suavemente para servir de fundo ás palavras do:)

SPEAKER: - No 1º capitulo deste romance os nossos ouvintes travaram conhecimento com Madame Salma Valenski - a dama das papoulas cor de sangue - que a seguir fomos encontrar numa festa em companhia de sua amiga Leda, de onde foram bruscamente arrancadas em virtude de um crime que se deu no apartamento do Dr. Valenski. A empregada do casal fora assassinada misteriosamente com uma punhalada no coração, em consequencia do que, Madame Salma e seu marido ficaram presos em sua casa, sob palavra, até que ficasse aclarado o misterio desse crime. A senhorita Norka Irigay, detetive amadora que ^{um}mero aca-so colocou na trama desses acontecimentos, observando o grande nervosismo e preocupação com que a amiga de Madame Salma recebera a noticia desse acontecimento, vai procura-la mais tarde em sua residencia, conseguindo, com grande astucia, arrancar-lhe algumas considerações que lhe vêm servir de pista á solução do mistério. De posse de certos detalhes e querendo prosseguir nas suas investigações, a senhorita Norka Irigay dirige-se, a seguir, para a residencia do casal Valenski, no que é acompanhada por um inspector da policia que lhe faz a corte. De chegada lá são ambos surpreendidos por desesperados gritos de socorro que partem do interior. Arrombada a porta do apartamento, com o auxilio de alguns vizinhos que acudiram aos gritos de Madame Salma, encontraram-na estendida sobre o tapete do quarto, desfalecida, tendo no pescoço as marcas dos dedos de seu marido que tentara sufocá-la. Ela quizera falar e ele tentara mata-la para o impedir. Devido, entretanto, á providencial chegada da senhorita Norka Irigay e do Inspetor da policia esse crime não chegou a ser consumado, sendo então Madame Salma recolhida a um hospital e seu marido levado para uma prisão de criminosos. A senhorita Norka, iludindo a vigilancia das Irmãs de Caridade do Hospital, aproveitando a hora em que todas se achavam recolhidas á Capela para rezar as vesperas, consegue entrar no quarto de Madame Salma onde começa a interroga-la. Esta, depois de muito relutar, resolve-se a confessar o verdadeiro motivo pelo qual o seu marido tentara esgana-la. Esta confissão, porem, não chega a ser realizada em vista da aproximação da Superiõra que obriga a senhorita Norka a retirar-se furtivamente. Antes, que Norka se houvesse retirado, Madame Salma dá-lhe o endereço da sua florista afim de pedir-lhe, em seu nome, que ela mande diariamente á prisão onde está o seu marido, as papoulas cor de sangue, tão do agrado de ambos. Dispunha-se a senhorita Norka a realizar a vontade de Madame Salma no dia seguinte pela manhã quando recebeu um telefonema da mesma florista marcando-lhe um encontro para aquela mesma noite numa casa afastada de um arrabalde distante que ela dizia ser a sua residencia. Quando Norka se preparava para sair, apparece-lhe o inspetor de policia seu apaixonado, com as mesmas juras e promessas de sempre. Ela, que vira sempre nos homens idiotas os melhores maridos para as mulheres da sua tẽpera, resolve aceitá-lo sob condição de que ele não se meteria nos seus casos nem para auxilia-la nem para atrapalha-la. Um homem apaixonado promete tudo. E foi o que fez ele embora não tencionasse cumprir a sua promessa. Norka saiu para o encontro marcado com a florista e o Inspetor seguiu-a de longe. Ao chegar á casa cujo endereço recebera pelo telefone, teve Norka a intuição de que não podia ser de uma moça de apparencia tão fina uma casa tão mal cuidada e mobiliada. Por-se logo em prontidão. A florista appareceu-lhe um seguida e, muito inquieto, procurou suggestionar-lhe o espirito fazendo com que a detetive acreditasse na culpabilidade de Madame Salma no crime da sua empregada. Como não tivesse conseguido o que pretendia entra então a aconselhar a senhorita Norka a desistir de meter-se naquella assunto. Como esta persistisse obstinadamente em levar até o fim as suas averiguações apparece inopinadamente na sala, de revolver em punho, um homem que tenta mata-la. Com uma rapidez inacreditavel, Norka, arrancando do bolso do seu casaco o seu inseparavel revol-

ver, devolve a carga feita pela seu adversario e com tal felicidade que a sua bala vai alojar-se no braço que se estendera para mata-la. Ouvindo os tiros trocados o Inspetor, que se fizera acompanhar de diversos policiais, invade a casa efetuando a prisão do criminoso. Passemos agora ao juri que nos vai revelar o verdadeiro responsável pelos crimes realizados e premeditados e do qual está dependendo o futuro de Madame Salma - a dama das papoulas cor de sangue.

(Carateristica forte por espaço de alguns segundos. Ruído de vozes e batida de uma sineta)

- Juiz - ~~Silencio~~ Silencio, senhores. Se continuarem assim serei forçado a mandar evacuar a sala. (ruído cessa) Tem a palavra o senhor promotor.
- Promotor - Peço ao sr. Juiz que faça aproximar-se a primeira testemunha citada nos autos.
- Juiz - Aproxime-se a senhorita Leda de Barros Montalvão. (pausa, passos lento) Jura dizer a verdade, sempre a verdade e somente a verdade?
- Leda - (com voz clara) Juro.
- Promotor - É ou não é verdade, que esteve em casa da acusada duas horas antes de ser descoberto o crime da serviçal Maria Sabina?
- Leda - É verdade.
- Promotor - É ou não verdade que levou-a em sua companhia a uma festa de caridade que se realizava naquela mesma tarde?
- Leda - É verdade.
- Promotor - É ou não verdade que a acusada - Madame Salma Velenski - impediu a sua entrada no interior do apartamento em que se perpetrou o crime? (pausa silencio absoluto) Vamos, responda: É ou não verdade que a acusada quiz impedir e impediu a sua entrada no interior do apartamento de sua residencia?
- Leda - (após uma pausa, com voz sumida) Sim, é verdade. (ruído de vozes)
- Promotor - Pode voltar ao seu lugar. Sr. Juiz, peço-lhe que faça aproximar-se a segunda testemunha citada nos autos.
- Juiz - Aproxime-se a senhorita Francelise de Melo Tristão. (passos que se aproximam) Jura dizer a verdade, sempre a verdade e somente a verdade?
- Francelise - Juro.
- Promotor - É ou não verdade que Madame Salma Valenski era sua fregueza de flores ha longo tempo.
- Francelise - Sim senhor. Ha tres mezes aproximadamente.
- Promotor - É ou não verdade que a acusada tinha a preferencia especial pelas papoulas cor de sangue, as unicas flores com que diariamente adornava o seu quarto e o seu gabinete?
- Francelise - É verdade.
- Promotor - É ou não verdade que em conversa Na sua loja de flores Madame Salma Justificou certa vez essa preferencia com o fato de parecerem as papoulas vermelhas tintas com sangue?
- Francelise - Sim, é verdade. (vozes da multidão).
- Juiz - (tocando a sineta) Faça sentir aos senhores a necessidade de ser mantido o silencio. Continua com a palavra o sr. Promotor.
- Promotor - É ou não verdade que a acusada revelou claramente em conversa, ainda em sua loja de flores, da sua irritação profunda e do seu abalo nervoso quando não lhe era permitido adornar a sua residencia com as flores referidas?

Francelise- Sim, madame Salma disse isto, uma vez.

Promotor - Mais uma pergunta: é ou não verdade que no dia em que foi encontrada morta a serviçal Maria Sabina, Madame Salma havia ficado sem as suas papoulas e que durante todo o dia procurou obtê-las desesperadamente?

Francelise- Sim, é verdade. Telefonou cinco vezes para a loja, demonstrando sempre uma grande irritação.

Promotor - É só, pode voltar ao seu lugar. (passos) **Aí está**, senhores jurados mais uma prova contra a acusada. Pelas declarações do porteiro do edifício, ouvidas preliminarmente, ficou claramente comprovado que apenas entraram no apartamento do Dr. Delmar Valenski na tarde do crime, a senhorita Ieda de Marros Montalvão e o chauffeur Liborio Gomes Cruz. Senhores jurados: diante das declarações que acabastes de ouvir creio que não podereis ter a menor dúvida em julgar criminosa Madame Salma Valenski. (vozes)

Juiz - (caindo a campainha) Peço silencio mais uma vez.

Promotor - Está claramente revelado tratar-se de uma psicose que a levou a praticar o crime no dia em que lhe faltaram as papoulas cor de sangue.

Advogado - E como justifica o ilustre promotor o atentado sofrido pela senhorita Norka Irigay por parte do chauffeur de madame Salma?

Promotor - É que o chauffeur Liborio Gomes da Cruz foi quem levou a cabo o crime premeditado por madame Salma Valenski. **Pressentindo** que as investigações da senhorita Norka pudessem chegar ao ponto de envolvê-lo, tratou de **elimina-la**. Para isto raptou a senhorita Francelise, obrigando-a a telefonar à senhorita Irigay marcando-lhe aquele encontro na casa onde foi preso naquela mesma noite. Creio, senhores jurados, que não pode haver dúvida de que se trata de um caso de psicopatia. As papoulas vermelhas amainavam o desejo doentio daqueles olhos ávidos de sangue e naquele dia em que elas lhe faltaram foi preciso que o sangue inocente de Maria Sabina oferecesse aos olhos criminosos de Madame Salma o espetáculo vermelho que a sua tara reclamava.
(vozes, algazarra)

Juiz - (tocando a campainha) Silencio, senhores.

Promotor - **Aí estão**, senhores jurados, os fatos e as provas. Tendes diante de vós uma criminosa. Estou certo de que não deixareis de fazer justiça aplicando-lhe a pena maxima para os crimes desta natureza. (algazarra)

Juiz - (tocando a campainha) Silencio senhores. (cessa a algazarra) Se persistir-deem em alterar a ordem do recinto serei forçado a fazer-vos retirar. **Tem a palavra** o advogado de defesa. (pausa longa, pigarro).

Advogado - **Meretissimo sr.** representante da justiça. (pausa) Senhores jurados. Ao iniciar a defesa da minha constituinte, Madame Salma Valenski, devo trazer a publico o testemunho do meu agradecimento e da minha admiração pela inteligencia e atividade inegualavel da senhorita Norka Irigay, a **detetive** amadora aqui presente, a quem devo a maior parte dos argumentos que servem de defesa à minha constituinte. Foi ela que enfrentando todos os perigos com uma argucia invejavel, um espirito de **observação** pouco comun e uma coragem heroica, arriscando mesmo a sua propria vida, trouxe à minha defesa o pedestal inabalavel em que ela se assenta. E como ninguem melhor do que ela, que acompanhou **pari-passu** todos os detalhes deste drama, poderá expo-lo nas suas minucias, peço-vos licença para passar-lhe a palavra afim de que ela repita com o vivo colorido da verdade tudo que nos autos consta. Assim, rogo ao meretissimo representante da justiça que conceda a palavra à senhorita Norka Irigay. (vozes, ruidos).

Juiz - (batendo a sineta) Silencio, senhores. (faz-se silencio) **Aproxime-se** a senhorita Norka Irigay. (um murmurio breve. Passos que se aproximam)

Norka - As suas ordens.

Juiz - Jura dizer a verdade, sempre a verdade e somente a verdade?

Norka - Perante Deus e os homens, juro!

Juiz - Tem a palavra a senhorita Norka Irigay.

Norka - (após uma pausa em que puxa um pigarro) Exmo. Sr. Juiz, dignísimos jurados, meus senhores. (pausa) Acabo de fazer perante vós o juramento sagrado de dizer somente a verdade sobre o crime do apartamento 111 do Edifício Gioconda.

Promotor - O que lhe parece ser a verdade.

Norka - O que representa a verdade, sr. Promotor. Verdade essa baseada em fatos que reuni e não em suposições que formulei. Não me deixei levar por aparências nem cedi às simpatias ou antipatias que me pudessem despertar os protagonistas desta tragédia. Rebusquei fatos, observei reações, examinei atitudes, dissequei personalidades e ao fim de um exaustivo trabalho, onde por vezes arrisquei a própria vida, pude, por fim, encontrar-me com a verdade. E é justamente essa verdade que eu aqui venho proclamar perante vós e perante Deus cuja divina imagem no madeiro preside os gestos dos homens que julgam os destinos de outros homens. É essa verdade que eu aqui venho gritar bem alto para que a justiça se faça sobre os culpados e não sobre os inocentes. Salma Valenski é na realidade uma criminosa e do seu crime eu passarei a ocupar-me dentro em pouco. (ruído de vozes, exclamações.)

Juiz - (após um toque de sineta) Silêncio!

Norka - É uma criminosa, disse, mas não do crime que lhe querem imputar. (novas exclamações e novo toque de sineta)

Juiz - Se persistirem em fazer algazarra mandarei evacuar a sala.

Norka - O crime cuja responsabilidade a irreflexão de alguns deseja depositar sobre os seus ombros, deixando-se levar por aparências que enganam na maior parte das vezes, não lhe cabe. Ela não teve a menor participação nele.

Promotor - E porque motivo então opoz-se de forma tão significativa a que a sua amiga penetrasse no interior do seu apartamento?

Norka - Por um motivo muito simples que adeante relatarei. Peço ao senhor promotor a gentileza de não cortar o fio do meu relato.

Promotor - Farei empenho.

Norka - O crime do apartamento 111 do Edifício Gioconda teve um único responsável. É o chauffeur de Madame Salma. Libório Gomes da Cruz é o assassino da doméstica Maria Sabina de quem se fizera amante há alguns meses. Como esta trouxesse no ventre uma prova da sua sedução miserável e ameaçasse revelá-la à esposa do criminoso este resolveu a situação pelo método que lhe pareceu mais prático: fazendo desaparecer a sua vítima. Foi infeliz, porém. Jogou fora o punhal de que serviu ao telhado de um prédio vizinho de onde o conseguiu recolher e mandar retirar as impressões digitais. Deante das provas que apresso creio não poder haver qualquer dúvida a respeito. Poderá restar ainda a impressão de que o crime tivesse sido efetuado a mandado de terceiros. Porque motivo Madame Salma que tinha a doméstica Maria Sabina há tanto tempo a seu serviço e a quem dedicava viva estima mandaria mata-la? Suposição absurda, tola, quase irreál.

Promotor - Não faz muito que a senhora nos afirmou que se baseara em fatos e não em suposições. A não ser que nos apresente uma prova de inocência de Madame Salma, a sua afirmação passa ao terreno das suposições.

Advogado - Lembro ao nobre colega que a defesa está com a palavra.

Norka - Eu já pedi que não me interrompesse.

Promotor - Estou apenas pedindo provas que destruam as minhas suposições.

Norka - Pois muito bem, as terá. Passo as mãos dos senhores jurados uma carta que Maria Sabina havia escrito ao seu amante e que conseguiu obter no bolso do macacão que o criminoso costumava usar na garage quando o automovel dos seus patrões necessitava reparos.

Promotor - E de que forma conseguiu essa carta?

Norka - Não interessam os meios empregados para atingir um fim preciso. Essa carta, senhores jurados, mostra o desespero em que se encontrava a vitima e a sua resolução formal de desmascarar o sedutor. Ha mais aqui: Um bilhete do criminoso ameaçando-a de espancamento e até de morte se persistisse no seu intento. As letras de ambos os documentos podem ser examinadas e comparadas com outros documentos assinados tanto pela vitima como pelo criminoso e que constam nos autos. E para maior confirmação das provas que apresento e que já por si mesmas seriam suficientes, com a devida venia do meretíssimo senhor juiz dirigirei uma pergunta ao criminoso. Reconhece como sua a letra e a assinatura deste bilhete?

Chauffeur - Não!

Norka - Reconhece como sua a assinatura deste recibo?

Chauffeur - Esta sim, é a minha assinatura.

Norka - Pois muito bem. Esta e esta foram feitas pela mesma mão.

Chauffeur - É mentira.

Norka - É verdade.

Chauffeur - É mentira, repito.

Norka - Eu eu repito que é verdade. Senhores jurados, acabastes de ouvir a afirmação do Chauffeur Liborio Gomes da Cruz que a assinatura deste recibo é a sua verdadeira assinatura, da mesma forma que o ouvistes negar que seja sua a assinatura do bilhete. Pois muito bem, aqui está o laudo pericial que revela terem sido ambas as assinaturas feitas pela mesma mão, embora haja uma leve diferença entre uma e outra. Creio que as provas apresentadas dispensam qualquer comentário a respeito de uma possível intervenção de Madame Salma Valenski no crime efetuado no seu apartamento.

Promotor - E porque razão, se me faz favor, Madame Salma impediu que sua amiga Leda penetrasse no interior do seu apartamento? É um detalhe de suma importancia e que até agora não nos foi revelado.

Norka - Por um motivo muito simples: e aí está o grande crime de Madame Salma. Madame Salma é uma vitima do amor. Casou-se com o Dr. Delmar Valenski que, como todos sabem, é ainda hoje um homem insinuante, inteligente, maneiroso e capaz de fazer despertar grandes paixões. Seu casamento realizou-se na Austria do onde veio logo para o Brasil passando a viver numa bela chacara afastada da Capital onde o Dr. Valenski se dedicava á cultura das papoulas. Á principio porque era um viciado que entorpecentes e extraia das papoulas o alimento do seu vicio e á seguir porque viu naquelas mesmas papoulas uma fonte enorme de renda que lhe proporcionaria a posição tão desejada e pela qual lutava ha tantos anos. Assim foi que passou a tratar com maior carinho, ampliando-a cada vez mais, a plantação daquelas flores. Madame Salma diariamente passeava pelos imensos canteiros e habituou-se a quere-las. O fato de gostar mais das vermelhas não tem aqui a menor importancia. Custou mais delas, como poderia ter gostado das brancas das amarelas ou de outra cor qualquer. Madame Salma sabia que seu marido dedicava-se ao commercio de toxicos e por varias vezes tentou dissuadi-lo de persistir naquele negocio. Como seus rogos e suas supplicas não surtiram efeito, tornou-se uma cúmplice dele silenciando. Naquele dia do crime o Dr. Delmar estava precisamente empacotando o artigo do seu commercio quando foi forçado a interrompe-lo devido a um chamado urgente. Deixou tudo como estava no seu improvisado departamento de expedição acreditando que pudesse regressar imediatamente. Como, entretanto, os seus trabalhos o prendem até mais tarde, viu-se impedido de regressar antes que a senhorita Leda houvesse chegado á sua casa. Foi esta a razão que impediu Madame

- Salma de permitir que a senhorita Leda entrasse para o interior do seu apartamento. Teve medo que as atividades de seu marido se tornassem conhecidas aos olhos desta. E daí, por consequência, a suposição errônea de alguns, acreditando que ela pudesse ter tido qualquer interferência no crime da serviçal Maria Sabina.
- Promotor - ~~Exatamente, exatamente, exatamente~~ ^{que não} impede imtretanto, que seja ela criminosa, embora de um crime diferente.
- Norka - Perfeitamente. Entretanto que maior castigo para o seu crime do que a tortura de todos esse longos anos em que se viu forçada a admitir a atividade do homem que amava acima de tudo na vida, embora todo o seu ser gritasse contra essa forma criminosa de enriquecer? Ela aceitou, calou, ~~recalou~~ ^{recalou} a sua revolta interior porque o seu amor por aquele homem era maior do que tudo na vida. Senhores jurados, Madame Salma é uma criminosa mas eu vos peço que ao lavrardes a sua sentença vos coloqueis em seu lugar e penseis, antes, no que series capazes de fazer pela creatura a quem amasseis verdadeiramente. Ela pecou por muito amar. E pecado de amor não é pecado. (vozeiros, palmas, muito bem, etc,etc.)
- Juiz - (batendo a sineta) Silencio, senhores. (ruído cessa) Os senhores jurados vão se recolher por alguns minutos á sala reservada, afim de lavrarem a sua sentença. (ruído de passos de muitas pessoas e vozeiro abafado do publico) (Esse vozeiro dever formar fundo para o dialogo seguinte)
- Salma - (após uma pausa longa, com voz de choro) Muito obrigada, senhorita Norka. O meu coração é todo um agradecimento.
- Norka - Deixe disto, nada tem que me agradecer. Faço justiça, apenas.
- Salma - E eles reconhecerão a verdade das suas afirmações?
- Norka - Terão que reconhecer. A verdade é cristalina. Todas as ^{minhas} provas estão provadas, documentadas. Não pode haver duvida alguma.
- Salma - Não sei. Estou com medo...tenho medo que eles me condenem...Não porque deseje a liberdade para mim mas preciso ser livre por ele. Preciso visita-lo sempre no manicomio judiciario. Preciso levar-lhe sempre que me for possivel o conforto do meu carinho, da minha assistencia. Preciso repetir-lhe ainda muitas vezes que o amo apesar de tudo e que farei tudo que me for possivel para cura-lo. E mais tarde, quem sabe, depois de cumprida a sua pena voltaremos novamente a ser felizes!
- Norka - Sim, tudo isto acontecerá, esteja certa.
- Salma - Ah, se fosse verdade. Si eles me derem a liberdade, arrojá-me-ei a seus pés para beijá-los.
- Norka - Deixe disso.
- Salma - Quanto tempo eles levarão a decidir?
- Norka - Poucos momentos. Dentro de tres ou quatro minutos estarão de volta.
- Salma - Vou rezar, então. Pedir a Deus que desperte na consciencia dos jurados, neste momento, o sentimento de piedade!
- Norka - Reze. Si isto lhe faz bem, reze.
- Inspetor - Oh, Norka, Norka, deixe beijar-lhe as mãos. Você esteve simplesmente admiravel!...Como eu senti orgulho da minha noiva.
- Norka - Eu não sei onde vou parar com tanto beijo. Voce quer beijar-me as mãos, dona Salma ameaça-me beijar-me os pés. Será que não tem mais ninguém que me queira beijar em outra parte?
- Inspetor - Eu beijo a suas mãos porque ainda não me permite que lhe beije a boca.

- Norka - Bem, chega. É melhor ficarmos por aqui. Lembre-se que não estamos sós e de que todos nos olham.
- Insp. - Como estou orgulhoso da minha noiva. Diga-me, Norka, como pode desconfiar do Chauffeur?
- Norka - Por motivo muito simples. Porque percebi claramente que ele tentou jogar-nos, a mim e Madame Salma, do automovel em que nos conduzia ao apartamento. Com a manobra pouco inteligente que fez, revelou-me logo o desejo que tinha de eliminar-nos. A ela para que não se pudesse defender das desconfianças que certamente iriam nacer a seu respeito. A mim porque me viu interessada no assunto e fui talvez a unica que mostrou desconfiar de todos visto que comedei a fazer perguntas a todos indistintamente. Teve medo da minha argucia e da minha perspicacia.
- Inspe. - Ele teve medo daquilo que eu tenho Orgulho. Agora, uma coisa lhe digo eu: eu tambem desde o principio desconfiei daquele homem.
- Norka - quem? Você? Deixe de dizer bobagens! Você foi me procurar na casa da Leda para fazer-me a grande revelação de que era ela a assassina. (risas gargalhadas) Nunca achei tanta graça de uma coisa como disso, francamente. (ri)
- Inspe. - Eu sabia. Disse aquilo para despistar.
- Norka - Deixe de bobagens. Não queiras enfeitar com penas de pavão. Você desde o principio entrou numa pista errada. Basta dizer que queria prender o criminoso e acabou ficando preso na gaiola do noivado.
- Inspe. - Fiquei preso, sim, mas preso numa gaiola dourada de onde jamais procurarei fugir.
- Norka - Isso é o que todos dizem antes de casar. Eu quero ver depois. Depois é que é a historia.
- Inspe. - Você sempre desconfiada.
- Norka - É da profissão que abracei.
- Leda - E então, os dois pombinhos arrulhando?
- Inspe. - É verdade. Vim beijar as mãos da minha noiva pela brilhante defeza.
- Leda - E beijo-as?
- Inspe. - Não, ela não deixou.
- Leda - Ora, Norka, francamente. Porque não consentiu que seu noivo beijasse suas mãos.
- Norka - Porque acho desfrute certas expansões em publico. Temos muito tempo para isto depois de casados.
- Inspe. - E madame Salma como está?
- Leda - Está mais calma, agora. Está rezando. Volto para perto dela. Com licença.
- Inspe. - Pois não, senhorita, á vontade. (pausa) Estão demorando os jurados.
- Norka - Tenha calma, homem, você quer tudo correndo.
- Inspe. - Estamos na época da velocidade, o que é que você quer? Olhe, abriu-se a porta, aí vem eles. (o ruido de vozes aumenta e prolonga-se um pouco.)
- Norka - Volte para o seu lugar.
- Inspe. - Você está nervosa?
- Norka - Nervosa nada. Volte para o seu lugar, oh cacete!

- Inspetor - Já vou, Norquinha, não faz assim que eu fico triste. (pausa em que só se ouve o murmúrio da multidão.)
- Salma - Valha-me, minha Nossa Senhora. Chegou a hora de se resolver o meu destino.
- Leda - Tenha calma e fé em Deus. Ele ha de nos ajudar.
- Salma - Vou continuar rezando. É a unica maneira de poder conservar a calma por momentos.
- Leda - Reze, reze então. (campainha duas vezes.)
- Juiz - Silencio senhores. (cessa o ruido). (Pausa em que ha um silencio absoluto) Considerando o que do processo consta e deante das provas apresentadas contra o Chauffeur Libório Gomes da Cruz, provas irrefutáveis e que não deixam a menor duvida, o corpo de jurados determinou que lhe seja aplicada a pena maxima pelo crime triamente premeditado da serviçal Maria Sabina. (vozes, aplausos) (toque de sineta prolongado). Silencio! Peço aos senhores que façam silencio. (o ruido cessa). E considerando o que consta dos autos da acusação e defesa de Madame Salma Valenski, por ter ficado provada a sua não participação no crime em referencia e levando tambem em conta os motivos de ordem sentimental que a obrigaram a calar ante o crime de seu marido, resolvem absolver por unanimidade a Madame Salma Valenski. (longas palmas, grande ruido de vozes.)
- Salma - (soluçando) Muito obrigada, meu Deus! Eu te agradeço de joelhos em nome dele!... (soluça)
(Caracteristica musical forte, baixando depois para servir de fundo as palavras de speaker:)
- SPEAKER: - É uma semana depois destes acontecimentos, na casa da senhorita Norka Irigay, momentos antes da realizar-se a cerimonia que legará o seu destino ao do Inspetor seu apaixonado. Ela está acabando de vestir-se para a cerimonia quando lhe anunciam duas visitas.
-
- Empregada- Senhorita, estão aí duas senhoras que desejam falar-lhe.
- Norka - Não lhes disseste que estou me vestindo?
- Empreg. - Disse sim senhora mas elas insistem em ve-la. Dizem que não poderão comparecer á cerimonia mas que não desejam deixar de abraça-la.
- Norka - Bem, que entrem então para cá. Preciso arrumar o meu véu e tenho muito pouco tempo. Está quasi na hora determinada para a cerimonia.
- Empreg. - Vou dizer que entrem, então. (passos que se afastam)
- Norka - Como estou ridicula de branco. Paraço mesmo uma menina quando vai para a primeira comunhão. Como será que devo colocar este véu? Eu nunca me vesti de noiva. É a primeira vez que me caso. É pra dizer a verdade não me sinto muito entusiasmada com esse negocio, não. Enfim....pode ser que seja bom.
- Salma - (de longe) Dá licença, Norka?
- Norka - Madame Salma? Oh, que agradável surpresa. Então, mais animada?
- Salma - Felizmente. E sobretudo com muita esperança no futuro. O medico me garantiu que ele ficará radicalmente bom.
- Norka - Ha de ficar sim. E você Leda, como vai?
- Leda - Estava esperando para cumprimenta-la.
- Norka - Não assiste a cerimonia, então?
- Leda - Peço-lhe que me desculpe mas não poderei ficar. Salma não quer estar presente e eu desejo estar junto dela.

Norka - É justo, são tão amigas.

Salma - Trouxe-lhe este ramo de papoulas vermelhas. Como o seu quarto de vestir é azul claro, lembrei-me que as papoulas lhe emprestariam um grande realce com as suas pétalas tão rubras que parecem tintas em sangue.

Norka - São lindíssimas. Agradeço-lhe a lembrança.

Salma - E trago-lhe também os meus mais ardentes e sinceros votos pela sua felicidade Norka. Você bem que a merece. Pela sua inteligência, pela sua bondade pela nobreza inextinguível do seu coração. E prossiga trabalhando, prossiga porque há ainda muito bem a fazer por esse mundo imenso. E como a justiça é sempre um grande bem, aqueles que a auxiliam, que lhe indicam o caminho exato, são grandes beneméritos.

Norka - Muito obrigada. A senhora deixou-me comovida.

Salma - Porque também lhe falo profundamente emocionada e porque sente que o que lhe digo é sincero.

Leda - Salma quer-lhe um grande bem. Fez questão absoluta de vir trazer-lhe pessoalmente o seu abraço e as suas papoulas cor de sangue.

Salma - Devo-lhe um grande bem, Norka. Devo-lhe a tranquilidade de consciência que agora possuo. Sofro, é verdade, por ver meu marido do jeito em que está, mas confesso que estava preparada para isto há muito tempo. Eu sabia que mais dia menos dia isso haveria de acontecer. O médico me garante que com um tratamento - um pouco longo, é verdade - e eficiente, ele ficará completamente curado. Recomeçaremos a vida nova. Tenho uma grande fé em Deus e no meu grande amor. Não creio que ele deixe de re-florir um dia. Há quem diga que a vida é breve. Eu não penso assim. - Há muitos outros dias virão ainda. Os que hoje choram, poderão rir amanhã. Eu terei ainda muitos dias para rir.

Norka - Há de ter, sem dúvida, e sinto-me satisfeita de encontra-la assim com o ânimo alevantado. Os que confiam vencem e você está plenamente confiante. (passos)

Empregada - Senhorita Norka, o Juiz já chegou. As testemunhas estão todas aí.

Norka - E o noivo?

Empreg. - Foi em casa mas já voltou. Tinha esquecido o colarinho. (risos)

Norka - Sempre afobado!...

Empreg. - O seu padrinho pergunta se a senhora está pronta e si ele pode vir buscá-la.

Norka - Um momentinho só. Falta-me prender o véu.

Leda - Quer que lhe ajude?

Norka - Aceito. Eu sou tão desageitada para essas coisas.

Leda - Aqui? ou prefere mais em cima?

Norka - Está bem, Pode ser aí mesmo.

Leda - Veja si ficou bem.

Norka - Está bem sim, de qualquer maneira está bem. Pode ir dizer ao padrinho que suba.

Empreg. - Muito bem, Madame. (passos que se afastam)

Salma - Bem, Norka, um abraço (ruído de beijos) e mais uma vez acredite no desejo imenso que tenho de que você receba da vida toda a felicidade que merece.

Norka - Muito obrigada.

Leda - Adeusinho, Norka. Um abraço, e muitas felicidades e lembre-se de mim quando estiver terminando a cerimônia para ver se eu também arranjo um trouxa.

- Norka - Has de arranjar sim porque não? O mundo está cheio deles. (risos e passos que se afastam).
- Padrinho - Está pronta, Norka?
- Norka - Estou meu padrinho, pode entrar.
- Padrinho - Vamos decer então, está na hora.
- Norka - Ora já se viu?
- Padrinho - O que foi?
- Norka - Eu que tenho enfrentado os maiores perigos e nunca tive medo de coisa nenhuma estou nervosa e com medo. Ora já se viu que coisa mais ridícula?
- Padrinho - O coração tem dessas coisas. Mas não ha de ser nada, isto passa. Vamos?
- Norka - (após uma breve pausa) Vamos. (ouve-se tres ou quatro passos, o ruído de uma porta que se abre. Murmúrio de vozes e ao longe a marcha nupcial tocada em solovox vai a pouco e pouco se aproximando até tocar bem forte.)

SPEAKER: E este foi, senhores ouvintes, o último capítulo da "Dama das papoulas cor de sangue" o novo programa que Roberto Lis escreveu e que a PRF 9 vem oferecendo aos seus ouvintes.

A DAMA DAS PAPOULAS CÔR DE SANGUE

Ultimo Capitulo.

Distribuição:

Salma Vadenski.....CARMEM DE ALENCAR.
Norka Irigay..... Branca Margarita.
Leda,,,...Norah Fontes.
Empregada de Norka..... Lilia Maria.
Chauffeur..... Armando Mota.
Inspetor..... Claudio Real.
Juiz,,,... Chico Coelho.
Promotor..... Olavo de Barros.
Erancelise.....Circinha Milano.
Advogado.....Speaker.
Padrinho.....Mota. (tem que imitar Mesquitinha)